



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS
Mestrado em Museologia e Patrimônio**

A ESTRATÉGIA MUSEOLÓGICA

*a partir da representação de um
Departamento de Museologia no Instituto
Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*

Manoela E. de Lima

UNIRIO / MAST - RJ, fevereiro de 2017

A ESTRATÉGIA MUSEOLÓGICA

*a partir da representação de um
Departamento de Museologia no
Instituto Joaquim Nabuco de
Pesquisas Sociais*

por

Manoela E. de Lima

*Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia*

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientadora: Professora Doutora Teresa
Cristina Scheiner

UNIRIO / MAST - RJ, fevereiro de 2017

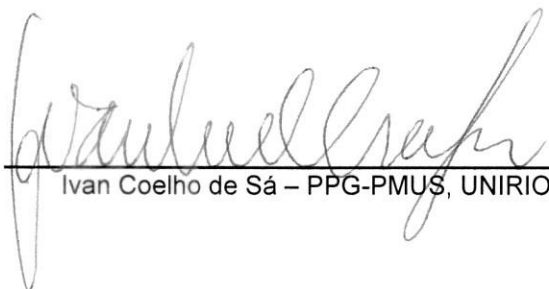
FOLHA DE APROVAÇÃO

A Estratégia Museológica a partir da representação de um Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ciências, em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Profa. Dra. 
Tereza Cristina Scheiner - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Prof. Dr. 
Ivan Coelho de Sá – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Profa. Dra. 
Ana Beatriz Nunes da Silva - UFPE

Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 2017

A Manoel

AGRADECIMENTOS

Emanuela, pelas possibilidades de começo, meio e fim deste e de tantos outros incontáveis processos de aprimoramento. Pelo coração e pelos ouvidos sempre abertos.

Carlos Vasconcelos, Varjãozinha, Rebecka, Ana, Filipe, VW e Ícaro pelo suporte, pela parceria e os melhores abraços de “até logo”.

Ivann Willig por abrir a porta (do coração).

Douglas, Rubens, Nasaré e Vivianne pelos sentidos de casa e pelas afetações familiares tão necessárias...

Henrique, pelo tempo perdido e pelo tempo investido com a rosa. Será sempre preciso termos ritos.

Bruno Araújo, por compartilhar o caminho da maestria, pelo carinho, zelo e pela boa vontade.

Natália, pela confiança, e, sobretudo, pelos outros lados da moeda em dias de (in)segurança.

Aos queridos colegas, Anna Martha, Raquel, Diego, Silvilene, Anna e Saulo pelas trocas, auxílios e bons exemplos.

Ao Prof. Ivan, pelo encantamento e auxílio constante.

À Profa. Diana, pelo prazer dos desafios.

Ao Prof. Marcos Granato, pelos sinais de elegância, atenção e carinho. Uma grata surpresa...

Ao Prof. Bruno Brulon, pelo privilégio e pela honra da companhia.

À Profa. Teresa, pela oportunidade do encontro com o universo fascinante que constitui o seu pensamento. Pela compreensão da ética do jogo e de princípios incondicionais para o desenvolvimento da mais impactante Museologia, a que começa em dentro de nós.

À Carlos por tanto amor em tempos de espera.

L732 Lima, Manoela E. de
tir da representação de um
Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de
Pesquisas Sociais / Manoela E. de Lima .--- Rio de Janeiro, 2017.

Orientadora: Professora Doutora Teresa Cristina Scheiner
Referência: f.71-78

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa
de Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências
Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2017

1. Museologia. 2. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
Departamento de Museologia. 3. Institucionalização. I. Scheiner, Teresa
Cristina. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa
de Pós-Graduação em Preservação de Acervo de Ciência e Tecnologia.
III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDU :069.012

“I do not know whether this description, supplemented by a few pictures, gives the reader some idea of our exhibition. Many will certainly disagree, but at the same time - as was the case with the exhibition itself - this analysis will stimulate a healthy and purifying reaction.”¹

¹ “Não sei se esta descrição, complementada por algumas imagens, dá ao leitor alguma ideia da nossa exposição. Muitos certamente discordarão, mas ao mesmo tempo - como foi o caso da própria exposição - essa análise estimulará uma reação saudável e purificadora”. SCHNEIDER, E. The way of museums: na exhibition at the Moravian Museum. **Museum**, nº 4, v. 29, p. 183-191, 1977. (tradução livre). Evzen Schneider (pseudônimo de Z. Z. Stránský), em matéria para a revista Museum na década de 1970 acerca da exposição “The way of Museums”, realizada no Museu da Morávia, cujo intuito foi o de promover o potencial de cientificidade à noção de museologia.

RESUMO

LIMA, MANOELA E. DE A estratégia museológica a partir da representação de um Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Orientador: Profa. Dra. Teresa C. M. Scheiner. UNIRIO/MAST. 2017. Dissertação.

A dissertação tem por objetivo apresentar um reexame sobre o processo de surgimento do Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), considerando o desenvolvimento da Museologia enquanto domínio do conhecimento e os aspectos da construção estratégica de representações sociais. Por meio do aporte da Museologia e com contribuições da Filosofia, da Teoria do Conhecimento e da Sociologia do Conhecimento procura-se compreender a constituição das imagens que sugerem a necessária composição da Museologia como via de interpretação da realidade, e, portanto, conhecimento científico em desenvolvimento. A partir de questionamentos aplicados ao cenário mais popularizado do campo disciplinar, em maior medida, pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), emprega-se a confluência de um conjunto de considerações ao processo de surgimento do Departamento de Museologia do IJNPS, revelando uma leitura dos acontecimentos que o circundaram, entre as décadas de 1960 e 1970. A dissertação tem como foco especial o encontro de possibilidades de entendimento para questões que potencialmente interferem no processo de institucionalização da Museologia em Pernambuco e, de modo geral, em grande parte do país, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Museologia, Institucionalização da Museologia, Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Política cultural brasileira.

ABSTRACT

LIMA, MANOELA E. DE The museological strategy in the representation of a Department of Museology at the Joaquim Nabuco Institute of Social Research. Advisor: Profa. Dra. Teresa C. M. Scheiner. UNIRIO / MAST. 2017. Dissertation.

This Dissertation presents a review of the process of emergence of the Department of Museology of the Joaquim Nabuco Institute of Social Research (IJNPS), in the State of Pernambuco, Brazil. It considers the development of Museology as a domain of knowledge and the aspects of the strategic construction of social representations. Based on the contribution of Museology, with a supportive approach of Philosophy, Theory of Knowledge and Sociology of Knowledge, it comprises the development of images that suggest the necessary organization of Museology as a way of understanding reality, and therefore, developing scientific knowledge. Based on questions applied to the most popular scenario of the disciplinary field, comprised by the communities formed under the name of Museum Studies and, to a greater extent, by the International Committee of Museology (ICOFOM), the Dissertation presents the confluence of a set of considerations on the process of emergence of the Department of Museology of the IJNPS. It presents a reading of the events that surrounded it, between the 1960s and 1970s, aiming to find possibilities to understand issues that potentially interfere, in contemporary times, in the process of institutionalization of Museology in Pernambuco, in particular, and in Brazil, in general.

Keywords: Museology, Institutionalization, Department of Museology of the Joaquim Nabuco Institute of Social Research, Brazilian cultural policies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| CFC | – Conselho Federal de Cultura |
| DAC | – Departamento de Assuntos Culturais |
| IAA | – Instituto do Açúcar e do Alcool |
| IBGE | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICOFOM | – <i>International Committee of Museology</i> |
| ICOM | – <i>International Council of Museums</i> |
| IHGB | – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro |
| IJNPS | Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais |
| IPHAN | – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| MAP | – Museu de Arte Popular |
| MCP | Movimento de Cultura Popular |
| MEC | – Ministério da Educação e Cultura |
| MHN | – Museu Histórico Nacional |
| OIM | – <i>Office International des Musées</i> |
| ONICOM | Organização Nacional do ICOM |
| PAC | Programa Nacional de Cultura |
| PCR | Prefeitura da Cidade do Recife |
| PNC | – Política Nacional de Cultura |
| SPHAN | – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| UDN | – União Democrática Nacional |
| UFPE | – Universidade Federal de Pernambuco |
| UNESCO | – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1 – Programa do Curso “Introdução à Técnica de Museus”, 1968.
TABELA 2 – Museólogos vinculados ao IJNPS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 – Aécio de Oliveira no Curso de Museus do MHN, ao final da década de 1960.
- FIGURA 2 – Fachada do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ao final da década de 1960.

SUMÁRIO

| | Pág. |
|---|-------------|
| INTRODUÇÃO - ENTRE O BEM E O MAL: A CONSTRUÇÃO DA ESCOLHA | 01 |
| Capítulo 1 SENTIDOS ESTRATÉGICOS PARA A LEGITIMAÇÃO DE UM DOMÍNIO DA MUSEOLOGIA | 10 |
| 1.1 As condições de leitura de um domínio dito museológico | 13 |
| 1.2 Desafios e condições impostas ao domínio da Museologia | 19 |
| Capítulo 2 O PATRIMÔNIO E A MUSEOLOGIA: SOBRE IMAGEM DA NACIONALIDADE BRASILEIRA | 28 |
| 2.1 As derivações de um regionalismo no Nordeste brasileiro: surge o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais | 35 |
| Capítulo 3 UM DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA NA ESTRUTURA DA PESQUISA CIENTÍFICA: PERFIS PROFISSIONAIS E CONTEXTOS DISCURSIVOS | 50 |
| 3.1 Encontro Nacional de Dirigentes de Museus: confluências intelectuais e indícios de autonomia de pensamento | 59 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| REFERÊNCIAS | 71 |

INTRODUÇÃO

ENTRE O BEM E O MAL: A CONSTRUÇÃO DA ESCOLHA

Toda escolha constitui uma imagem sobre seu autor. Enquanto fragmento do sistema de representações evidenciáveis de mundo, que, para Nietzsche, constitui-se também como partícula de “ilusão ótico-moral”², tal imagem adquire a responsabilidade de assegurar a ineficiência do efeito de complementaridade da relação com as demais imagens de não escolha. O que se escolhe é, assim, capaz de desencadear sucessões de imagens pormenorizadas, e não puramente outras equivalentes em potência de sentidos.

Formar imagens de escolha, imagens que podem ser consideradas como elementos de apropriação do mundo, consolidou-se, na proposta moderna de formulação dos elementos de manejo da humanidade, como um processo capacitado ao estímulo de indicar relações não interativas. A influência estrutural de tal dinâmica constituiu um conjunto de imagens impenetráveis, fundamentando os juízos e produzindo impactos sobre as práticas deliberadas de pesquisa. Sobre todas as competências relacionadas ao acompanhamento e à tradução da realidade vivida, imprimiu-se a determinação da construção de paradigmas por meio da manipulação de fenômenos e construção de métodos classificatórios, indicando não apenas as minúcias dos elementos escolhidos, mas contando com justificativas pouco dispostas a manterem as demais dimensões de escolha invioladas.

Tais escolhas, ou ilusões, como quis Nietzsche, foram produzidas por artistas, escritores e estudiosos do campo das ciências, da filosofia ou da religião, responsáveis pelo desenvolvimento estratégico de justificações para o caráter objetivo e subjetivo da apropriação e manipulação das imagens eleitas. Ao evidenciarem as possibilidades do sentido escolhido e do não escolhido, comprometidos em confeccionar também a manta que encobrirá outras potenciais construções, nutrem o sistema de crenças para o qual dedicam suas reflexões e aplicações. Esses resultados, por sua vez, sofrem também influências das próprias

² Nietzsche, F. W. **Crepúsculo do Ídolos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 19.

estratégias de invenção e encobrimento, constituindo um ciclo entre os idealizadores e os sentidos produzidos, “sujeitos à sedução do conceito do ser”³.

Ciclo inescapável no qual a imagem desses produtores (ou ilusionistas) constrói-se a partir de um condicionamento moral, formulado como “conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos”⁴. Assim, definição do como ser (artista, escritor, cientista, religioso, filósofo) e proceder (a arte, o conto, a tese, a sacralidade, o fundamento ideal) não se indeterminam, uma vez que se relacionam com o real no qual se realizam, e com os códigos ao quais se referem. Identificar as essencialidades que envolvem cada um desses modos de agir, a conformação das representações coletivas que produzem, pode indicar estágios de posicionamentos estratégicos que permitam reformulações sobre o potencial rearranjo de algumas certezas (imagens de mundo) em função de novos encontros éticos dos campos disciplinares no contexto contemporâneo.

Em função da imagem nietzschiana de uma interpretação que se evidencia através de “qualquer pessoa que sabe seu caminho”⁵, capaz de elevar à luz a imagem própria de outrem, busca-se evidenciar condicionamentos potencialmente menos arbitrários, considerando estruturações produzidas por meio de consciências atentas aos encobrimentos dos processos históricos, econômicos e sociais que consolidaram a natureza de escolhas estratégicas em torno da competência formulada pela Museologia, internacional, nacional e regionalmente. Essa construção ambiciona contribuir com a possibilidade de consolidar referências sobre competências mais conscientes fundamentadas em um saber dito museológico.

Nesse sentido, questionam-se os panoramas de conformações e as condições de visibilidade e invisibilidade do processo de institucionalização disciplinar em diversos níveis, mas em especial, no contexto de desenvolvimento regional e local que corresponde, respectivamente, ao Nordeste brasileiro e ao Recife, considerando a existência do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) e a criação de seu Departamento de Museologia. Este recorte compreende dinâmicas de relações e efeitos encadeados que sugerem a composição de cenários que assumem uma complexidade própria, muito em função da constituição das

³ Ibid., p. 19.

⁴ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II** - O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 26.

⁵ NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 22.

identidades nacionais, a interferência de parcela da intelectualidade e de instituições cujos códigos de ação determinaram-se pelos interesses da gestão Getúlio Vargas.

Assumir essa complexidade permite-nos indicar, sobre a imagem da Museologia, o desenvolvimento de enfrentamentos necessários ao seu amadurecimento, muitas vezes, atenuados por imagens estanques sobre o museu, o patrimônio e a função social de ambos, caracterizados também como estruturas ou categorias indispostas a possibilidade de interação com as demais. Diante disso, a indicação de horizontes discursivos, através da compreensão do museu como “categoria de representação e fenômeno cultural”⁶, torna-se um investimento potencialmente eficaz, atrelado à investigação de elementos prescritivos que, de modo invariável, apresentaram-se como o caminho percorrido pela experiência, no cotidiano dos modos de agir de teóricos e profissionais da Museologia. A determinação desse caminho poderá indicar graus de conformidade ou de divergências em relação ao código⁷ sob o qual a Museologia desenvolveu-se e se projeta na contemporaneidade.

No processo de institucionalização da Museologia como domínio apresenta-se, inicialmente, a influência deliberada do Estado sobre as práticas culturais no século XVIII⁸. Evidenciam-se as condições de possibilidade⁹, conformação naturalizada, do quadro geral de escolhas resultantes da modernidade, responsáveis pela elaboração de categorias como patrimônio, cidadania e bem cultural. Estruturas necessárias à constituição de fundamentos mantenedores da circularidade de deliberações conscientes de suas próprias naturezas, vias de transmissão do sentido tácito que valida todos os empreendimentos modernos. Tais categorias são consideradas estruturas de força localizadas “em toda parte, como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo uno e vário”¹⁰.

Sobressaem-se os interesses pela sistematização na produção teórica de natureza conceitual de pesquisadores de diversos países, em sua maioria europeus,

⁶ SCHEINER, T. C. M. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 31.

⁷ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II** - O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 26.

⁸ Relação norteadora do trabalho crítico produzido por Thiesse, Schwarcz, Bosi e Lopes.

⁹ FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes. p. 103.

¹⁰ NIETZSCHE, F. W. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 512.

que determinaram a razão de ser do *International Committee for Museology* (ICOFOM)¹¹, na década de 1970. O nível de aproximações que se desenvolvem ao longo da pesquisa com a produção do ICOFOM diz respeito à natureza comum da escolha dos autores, bem como ao vasto terreno de proposições e acontecimentos que essa comunidade foi e é capaz de produzir sobre o Museu e a Museologia, no tempo presente. Perceber a amplitude da interferência do ICOFOM, por outro lado, revela o que não se constitui inteiramente sob sua agenda, como o que se considera parte do processo de institucionalização da Museologia em contextos como o do Brasil.

Uma necessidade revelada pelas conformações e contraposições terminológicas sobre as noções de museografia e museologia compreende o surgimento de organizações sociais interessadas na produção de uma imagem sobre o conhecimento desenvolvido nas instituições denominadas 'museais'. Esse conhecimento, condicionado a uma face instituída do Museu, apresenta-se internacionalmente difundido pela comunidade de pesquisadores e profissionais de museus que compõe o chamado âmbito dos *Museum Studies*¹², consolidando o universo concreto das ações e considerações sobre o Museu.

No contexto brasileiro, o estudo dos museus que compreende sua configuração organizacional física e administrativa reflete-se na formação profissional de forma consolidada desde as primeiras décadas do século XX. Isto pode determinar um quadro de possibilidades sobre as quais as limitações que a representação da Museologia, sob o efeito da cientificidade, ou seja, do que se reveste da qualidade de ciência, produz sobre os perfis profissionais e os discursos institucionais - que se traduzem em políticas específicas.

O reexame que se desenvolve sobre o processo de institucionalização da Museologia, através do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais tratará da dimensão *mais à margem* do processo de institucionalização da disciplina no país, que compreende um Departamento de Museologia, no começo da década de 1970. Resultante da predominância dos acontecimentos e medidas interventivas que o Estado Novo foi capaz de promover sobre as políticas culturais e as instituições, por meio da figura de intelectuais, a investigação se apoiará em autores como Schwarcz,

¹¹ Comitê Internacional para a Museologia.

¹² Estudos sobre museus.

Chuva e Pallares-Burke, cujas leituras das imagens construídas sobre tais produtores, como Mário de Andrade e Gilberto Freyre, possibilitam dimensionar estágios de articulação estratégica sobre a cultura brasileira.

A escolha que serviu como orientação para esta pesquisa advém de autores que, como vimos, priorizam o cuidado de identificar as essencialidades dos ordenamentos provocados por deliberações governamentais, organizações civis, indivíduos de modo geral, variando apenas a escala de influência capaz de evidenciar o método e os discursos normativos que estabeleceram resultados efetivos na realidade das práticas e teorias ditas museológicas.

Friedrich Nietzsche constitui uma escolha matriz, na medida em que constitui perspectiva capaz de estruturar-se, a salvo das convenções, como uma lógica adequada ao problema das escolhas contemporâneas. Michel Foucault, no mesmo sentido, a partir de uma produção baseada no método de investigação arqueológica, representa uma possibilidade de aplicação do pensamento nietzschiano adequada ao que se pretende problematizar de modo mais específico com esta pesquisa. Ao fazer uso dos aspectos constituintes do processo de desvelamento sugerido pela arqueologia de Foucault, desenvolve-se uma análise a respeito da Museologia disposta no âmbito do conhecimento científico, a partir das questões de dominância que essa formalização, essa delimitação estratégica, sofre e oferece.

O enquadramento desta investigação indica a localização do Departamento de Museologia do IJNPS no horizonte de questões que dizem respeito à constituição dos espaços de desenvolvimento de um pensamento autônomo para a Museologia. A predisposição assumida por este estudo considera imperativa a estruturação do olhar investigativo a partir da Museologia, posicionado na contemporaneidade. É um campo que, associado ao meio de produção científica, tem como movimento natural estabelecer suas formas de apreensão a partir de uma lógica existencial, que ambiciona intensamente a promoção do diálogo *entre* e *sobre* os conhecimentos do mundo¹³; e mobiliza perspectivas em diversas áreas, caracterizadas pelo contínuo exercício de crítica às fundações, no sentido de sua própria manutenção.

¹³ SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987. p. 45.

Deste modo, considera-se o seguinte questionamento: **como se representa o caráter de um conhecimento dito museológico, seus agentes, proposições e limitações através do Departamento de Museologia do IJNPS?**

No processo de institucionalização do conhecimento dito *museológico*, a estrutura necessária para a adequada aplicação das proposições acerca da constituição de um domínio revestido de aspectos dinâmicos próprios do pensamento contemporâneo é identificada por meio da sociologia de Berger e Luckmann. Neste sentido, formulam-se aproximações com representações que podem indicar a variedade de estágios dessa institucionalização e os enfrentamentos aos quais se dispõem ou deveriam dispor, necessários para a alteração deste processo de constituição do conhecimento especializado.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da dissertação foi: 1) Análise de literatura específica do campo, destacando a produção teórica latino-americana; 2) Estudo das interfaces entre a produção internacional e latino-americanas; 3) Estudo de relações entre a Cultura latino-americana, conforme expressa em García Canclini, Paulo Freire, entre outros e o desenvolvimento dos estudos teóricos sobre Museologia na Região.

Os procedimentos metodológicos compreenderam as etapas de revisão bibliográfica, pesquisa documental, que dispõe de fontes primárias e secundárias, observação in loco de aspectos que caracterizam a constituição do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco, no tempo e no espaço e o desenvolvimento de reflexão e construção da narrativa da dissertação. A viabilidade dessas etapas foi possibilitada pelo acesso a um abrangente volume de referências (ou registros) teóricos que trabalham os conceitos utilizados na pesquisa, bem como às fontes documentais necessárias à pesquisa: documentação administrativa, estudos e projetos voltados para a Museologia em Pernambuco, disponíveis no Arquivo do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), localizado no Recife, bem como no Arquivo Nacional e no Núcleo de Memória da Museologia (NUMMUS), localizados no Rio de Janeiro.

Desta forma, a dissertação desenvolve-se a partir da seguinte estrutura:

Capítulo 1 – os condicionantes sociopolíticos que interferem de modo basilar na constituição das representações culturais e, conseqüentemente, nas instâncias de articulação do patrimônio, no conjunto de argumentos que constituem uma

perspectiva crítica sobre a configuração da Museologia como âmbito de pensamento e sobre os desafios a ele impostos;

Capítulo 2 – a análise da configuração cultural que determina o processo de institucionalização da Museologia no contexto brasileiro, sob o efeito da conjuntura política vigente;

Capítulo 3 – a constituição do Departamento de Museologia e os efeitos de suas ações sobre as questões vinculadas a esse âmbito de pensamento, no sentido político-científico.

Como **objetivo geral**, o estudo busca analisar a experiência do Departamento de Museologia do IJNPS entre 1972 e 1978, como contribuição para a construção da representação do conhecimento museológico.

No intuito de auxiliar no encadeamento da pesquisa, foram traçados os seguintes **objetivos específicos**:

- analisar o conjunto de relações institucionalizadas que compõem a formação de esferas discursivas em torno da produção de conhecimento produzido pelo Museu, ou através do mesmo;
- levantar questões acerca da condição de possibilidade de um pensamento museológico em expansão;
- evidenciar as ações ditas *museológicas* que permeiam as ações vinculadas à Museologia entre as décadas de 1960 e 1970, no contexto pernambucano;
- configurar a conjuntura sociocultural associada ao período de existência do IJNPS, identificando a natureza das ações desenvolvidas pelo seu Departamento de Museologia;
- caracterizar os níveis de contribuição do recorte investigado pela pesquisa sobre a representação do domínio da Museologia na contemporaneidade.

Nossa iniciativa compõe um conjunto de contribuições ao trabalho desenvolvido pela **Linha de Pesquisa 1 - Museu e Museologia** do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, uma vez que se dispôs à análise de aspectos relativos à constituição da Museologia no Brasil, vinculando-se ao projeto “**Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação – a experiência latino-americana**”. A

pesquisa compreende a pertinência da localização territorial do tema e as possíveis aderências entre a proposta e a trajetória teórica dos envolvidos, no que se refere a investigações sobre o Patrimônio e a Museologia interessadas na promoção de alteridades, através das relações entre o pensamento contemporâneo e movimentações socioculturais no continente latino-americano.

Assim, a importância deste trabalho consiste em produzir questionamentos acerca da natureza das representações do domínio do conhecimento atribuído à Museologia, subsidiando a construção de um paradigma adequado ao seu desenvolvimento no campo das ciências contemporâneas. Configura-se a partir da análise sobre o Departamento de Museologia do IJNPS a possibilidade do redesenho da cartografia das ações que consolidam uma imagem do desenvolvimento desse domínio no Brasil, evidenciando um conjunto de relações que fundamentam as limitações e viabilidades de uma tradução da Museologia como referencial de análise contemporânea.

Ressalta-se ainda a contribuição que se espera fazer ao necessário investimento intelectual que, a partir da Museologia, consolida a lógica existencial do contemporâneo e promove a manutenção de posturas analíticas interessadas na permanente movimentação do sentido “centrífugo e subversivo”¹⁴ que simboliza a dinâmica da tarefa crítica - permitindo a pavimentação de caminhos e novas relações que resultem em maiores progressões de complexidade interessadas no acompanhamento das necessidades essenciais das sociedades.

¹⁴ Ibid., p. 17.

CAPÍTULO 1

**SENTIDOS ESTRATÉGICOS PARA A
LEGITIMAÇÃO DE UM DOMÍNIO DA
MUSEOLOGIA**

CAPÍTULO 1 - SENTIDOS ESTRATÉGICOS PARA A LEGITIMAÇÃO DE UM DOMÍNIO DA MUSEOLOGIA

As subjetivações investidas no processo por instâncias de articulação do patrimônio, percebidas de modo mais integrado ao plano de desenvolvimento das sociedades a partir do século XX, possibilitaram a ampliação de diferentes níveis de institucionalização da Museologia, nos mais diversos contextos. Ao que se deve às transformações ocorridas pelos modos de leitura e funcionalidade dos elementos representativos das culturas, em maior proporção caracterizadas pelas sociedades ocidentais

Para muitas dessas sociedades, a produção de referenciais culturais capazes de promover os sentidos das identidades nacionais disseminou-se a partir dos paradigmas produzidos no continente europeu, influenciando, ainda no século XVIII, a definição moderna de Nação. Um efeito determinado pelo surgimento da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) emprestou nova importância ao domínio cultural, então, compreendido como ferramenta de produção de indícios de diversidades socioculturais¹⁵. A incumbência de sintetizar o cotidiano em imagens diversificadas dos grupos sociais, no entanto, comprometia-se com a manutenção de uma essência comum, não afastada de noções verticalizadas sobre o desenvolvimento social, o que consolidou, simultaneamente, o caráter hegemônico dessas representações. A manipulação dos critérios de produção e manutenção do [que era então entendido como] patrimônio, sob esse comprometimento em torno da constituição de nacionalidades e de processos civilizatórios, “como o da ‘educação do gosto’ na ‘promoção da arte’”¹⁶, refletiu uma relação de “emparelhamento entre um princípio político – universal e abstrato – e uma determinação cultural – singularizante e concreta”¹⁷.

A instalação de quaisquer alterações que respondem à natureza criativa da vida humana produz ordenamentos que, sujeitos ao hábito, consolidam-se como

¹⁵ THIESSE, A-M. La création des identités nationales. Europe XVIII^e - XX^e siècle. Paris: Editions du Seuil, 1999. p. 14

¹⁶ PRIMO, J. S. **A Museologia e as Políticas Culturais Europeias: O Caso Português**. 2007. 404f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2007. p. 25.

¹⁷ THIESSE, A-M. Op. Cit. p. 14.

fundamentos estáveis, convertendo-se em padrão, estreitando as possibilidades de deliberação e permitindo o advento de ideias e de ações que passam a ter uma função hegemônica, configurando “o primeiro plano para a deliberação e a inovação”¹⁸. Isto é o que, de maneira geral, define o processo de institucionalização. No caso da institucionalização que decorre do estreitamento da nova determinação cultural, as referências culturais consolidadas sob essa relação são o produto do reestabelecimento de critérios que passaram a habitar as instâncias de articulação do patrimônio, especialmente as que instituem associações com as categorias monumento, história, tradição e identidade - comuns a qualquer nação interessada em identificar

ancestrais fundadores, uma história multissecular e contínua estabelecendo a ligação entre as origens e o presente, uma língua, heróis, monumentos culturais, monumentos históricos, lugares da memória, tradições populares, paisagens emblemáticas¹⁹.

Na Europa, este conjunto de referências culturais constituiu um conjunto naturalizado, caracterizado pela paisagem rural e seus personagens e difundido pela operação etnográfica, durante as exposições universais. Estas não eram apenas

uma ocasião de mostrar aos compradores e ao grande público as inovações em matéria tecnológica e os produtos industriais. São também exposições identitárias onde cada nação valoriza seu patrimônio ancestral. O arcaísmo (de concepção recente) está tão presente nelas quanto a própria modernidade. Na Exposição Universal realizada em Paris em 1878, a seção sueca apresentou dezenas de manequins trajados, nas reconstituições dos interiores aldeões, decorados com pinturas da paisagem nacional penduradas nas paredes. Obtém enorme sucesso, e a museologia etnográfica europeia das décadas seguintes nela se vai inspirar²⁰.

O nível de interferência dessa produção de novas representações, atuando sobre a categoria Museu, sugere efeitos sobre os sistemas de conhecimentos por ela abrangidos – principalmente aqueles articulados e/ou definidos como a manifestação de um fenômeno cultural que se vincula “à estética da criação como ontológica”²¹.

¹⁸ BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 77-78.

¹⁹ THIESSE, A-M. *La création des identités nationales. Europe XVIII^e - XX^e siècle*. Paris: Editions du Seuil, 1999. p. 15.

²⁰ *Ibid.* p. 21.

²¹ SCHEINER, T. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 93.

Assim, o que se compreende como um movimento de reconhecimento da importância do Museu para o desenvolvimento da sociedade e de consideração do seu potencial para a geração de conhecimento²², recai sobre o processo de institucionalização da Museologia. Este processo, no século XX, pode constituir-se como reflexo de um projeto de desenvolvimento político-institucional cuja proposta corresponde ao período de justificação do poder público por questões econômicas e de justiça social e direito à cultura²³; e que resultou no sensível desvelamento de suas fundamentações e descontinuidades. Um processo que, para Foucault deve preocupar-se em questionar:

Donde vem bruscamente essa mobilidade inesperada das disposições epistemológicas, o desvio das positivities umas em relação às outras, mais profundamente ainda a alteração de seu modo de ser? Como ocorre que o pensamento se desprenda daquelas plagas que habitava outrora — gramática geral, história natural, riquezas — e deixe oscilar no erro, na quimera, no não-saber aquilo mesmo que, menos de 20 anos antes, estava estabelecido e afirmado no espaço luminoso do conhecimento? A que acontecimento ou a que lei obedecem essas mutações que fazem com que de súbito as coisas não sejam mais percebidas, descritas, enunciadas, caracterizadas, classificadas e sabidas do mesmo modo e que, no interstício das palavras ou sob sua transparência, não sejam mais as riquezas, os seres vivos, o discurso que se oferecem ao saber, mas seres radicalmente diferentes?²⁴

1.1 As condições de leitura de um domínio dito ‘museológico’

A formalização de recorrências, ou seja, o surgimento de “uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores”²⁵, requer a identificação da acentuação da reciprocidade, assim como o caráter comum “não somente das ações, mas também dos atores”²⁶. No caso da constituição da Museologia como domínio, ou âmbito de pensamento, de todos os elementos capazes de traduzir sua institucionalização, talvez o mais significativo - de acordo com as finalidades deste estudo - seja o caráter estratégico dos discursos institucionalizados, e, portanto, o que indique a acentuação da reciprocidade no processo. Mais do que a determinação das características de seus atores (conservador de museus, museólogo, filósofo,

²² SCHEINER, T. The many faces of ICOM. In: **ICOM STUDY SERIES**, Paris, n. 8, 2000. p. 2.

²³ PRIMO, J. S. **A Museologia e as Políticas Culturais Europeias: O Caso Português**. 2007. 404f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2007. p. 25.

²⁴ FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes. p. 296-297.

²⁵ BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. p.79.

²⁶ *Ibid.* p.79.

pesquisador), a identificação desses discursos parece conservar a complexidade necessária para a compreensão da institucionalização do conhecimento dito 'museológico', pelo conjunto de relações que são capazes de sugerir.

A identificação da característica essencialmente estratégica de um domínio do conhecimento, constituído e constituinte de relações de poder, foi trabalhada por Foucault, sob a influência da crítica às representações que, em grande medida, permeia a obra de Nietzsche. A partir dessa referência, Foucault elabora uma noção sobre o conhecimento enquanto invenção, uma imagem simultaneamente "controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade"²⁷. Um domínio do conhecimento, neste sentido, compreende a influência de uma força que atua sobre a realidade espontânea permeada pela natureza. O conjunto da vida que constitui essa natureza, e não exclui a existência humana como um elemento superior, recebe a carga dessa força organizada - do que, para Nietzsche, representa um poder reativo²⁸.

Neste sentido, o conservador, o museólogo e, também, "o historiador, crítico, analista, o intérprete, o observador, o colecionador, o leitor"²⁹ e todos os que desenvolvem sua experiência fundamentados no que constitui a especificidade do conhecimento processado, seja pela ciência, pela religião ou por qualquer outro sistema de representações, são reações a algo que se encontra na realidade.

A estratégia pressupõe a escolha de elementos para a obtenção de resultados; e, portanto, o esclarecimento, contido nesses resultados, pressupõe, na mesma medida, o que não foi escolhido, o não esclarecimento. Assim, as deliberações decorrentes da estratégia produzem orientações predefinidas, sentidos políticos específicos e fórmulas de atribuição de valor que inauguram referências absolutas, irreconhecíveis como inverdades pela ausência de seu valor contrário. O que Foucault identifica como um *regime de verdade* é determinado pelo modo como a coletividade aplica o conhecimento, os discursos que se equivalem como verdadeiros, as regras de estabelecimento da verdade, os métodos de resgate da verdade, a determinação de

²⁷ FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

²⁸ NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 62.

²⁹ Ibid. p. 62.

estatutos próprios dos produtores e, assim, a circularidade de uma relação: poder que constitui verdade e a sustenta, verdade que constitui efeitos de poder³⁰.

Foucault, ao determinar os *pontos de difração* presentes no discurso, indica como pontos de incompatibilidade “dois objetos ou dois tipos de enunciação, ou dois conceitos, [que] podem aparecer na mesma formação discursiva, sem poder entrar - sob pena de contradição manifesta ou inconsequência - em uma única e mesma série de enunciados”³¹. Sob essa perspectiva, compreende-se, no universo de ideias em torno do Museu e da Museologia, um entrave conceitual evidenciado pela necessidade de ampliar, do ponto de vista discursivo, as perspectivas do campo.

O que se reflete no desfecho dos problemas de estatuto, sobre os quais se articulam a cada dia os agentes responsáveis pelo patrimônio e sua legitimação³², ocorre no âmbito das chamadas *sociedades do discurso*, caracterizadas pela atuação na produção de terminologias e conceitos norteadores, que buscam conservar e distribuir discursos em espaço exclusivos, “segundo regras restritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”³³.

Como expoentes, consideram-se os resultados dos grupos de produção formados pelo ICOFOM e pelos especialistas vinculados ao que se convencionou chamar *Museum Studies*. Os primeiros, diante do duplo propósito de “reforçar o fato de que museus são importantes para o desenvolvimento social como fontes potenciais de informação e conhecimentos e introduzir ou reforçar os ‘estudos de museu’ dentro das universidades”³⁴, buscou um fortalecimento da ideia de Museologia como ciência ou campo disciplinar, a partir da segunda metade do século XX. Já na consolidação dos *Museum Studies*, sob a responsabilidade de grupos anglófonos, a necessidade de tal reforço conceitual para a Museologia foi amenizada por uma resistência linguística, já que o termo ‘museologia’ não existia, naquele momento, no léxico anglófono. Esta realidade definiu direções de certo modo estratégicas, que resultaram na criação de programas de formação de profissionais para museus no âmbito de instituições, associações e universidades, quase sempre privilegiando a abordagem técnica, ou

³⁰ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 14.

³¹ FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 73

³² DESVALLÉES, A. L'identité. In: **ICOM STUDY SERIES**, Buenos Aires, n.10, 1986. p. 83.

³³ FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 39.

³⁴ CERÁVOLO, S. M. **Da palavra ao termo**: um caminho para compreender a museologia. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004. p. 54.

prática. Tais programas se desenvolveram em grande medida na América do Norte e Grã-Bretanha e em alguns países da América Latina, na virada para o século XX³⁵.

Como *pontos de equivalência*, Foucault³⁶ define um mesmo modo de constituição para os já identificados pontos de incompatibilidade. Assim, a equivalência corresponde às condições idênticas de aparecimento e desenvolvimento em níveis semelhantes. Neste sentido, destaca-se o que serve de matéria-prima para a compreensão da condição de existência de instituições como o ICOFOM e as experiências de *Museum Studies*, no século XX. É o que compreende a influência política sofrida pelos museus enquanto categoria de representação, como condutores, em maior medida, de imagens lineares da realidade.

Revestida dessa influência, a representação da ideia de Museu sob a forma do museu tradicional, amplamente difundido nesse período, buscou determinar níveis de compreensão da realidade tangenciáveis pelo objeto material, alterados de modo significativo pelos deslocamentos das perspectivas sobre o objeto. Para Scheiner, tais eventos decorrem de um “deslocamento do centro de interesse científico do Homem para o Universo como um todo”³⁷. E, na medida em que o discurso produzido pelos museus compreende os “múltiplos elementos da natureza, que, isolados ou em conjunto, nos remetem a amplíssimas cadeias sógnicas”³⁸, um novo sistema de representações determinou a possibilidade de configuração de uma linguagem dita ‘museológica’³⁹, refletindo-se no surgimento de categorias e processos evidenciados no século XX, que exigiram conhecimento especializado.

No entanto, para justificar-se como um acontecimento válido para a constituição do discurso da Museologia como domínio, este novo sistema de representações articulado pelos museus deve, antes, ser considerado como uma representação ele mesmo, uma vez que a linguagem “não pode representar o pensamento, de imediato, na sua totalidade; precisa dispô-lo parte por parte segundo uma ordem linear”⁴⁰. E, assim, essa “forma inicial de toda reflexão, tema primeiro de

³⁵ TEATHER, J. L. *Museum Studies: reflecting on reflective practice*. In: **Museum Management and Curatorship**. UK: Taylor & Francis, n. 10, p. 403-417, 1991. p. 403.

³⁶ FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 73.

³⁷ SCHEINER, T. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 48.

³⁸ *Ibid.* p. 47.

³⁹ *Ibid.* p. 47.

⁴⁰ FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes. p. 113.

toda crítica” acaba assumindo a *imagem* de uma condição de possibilidade teórica de um domínio do saber, e não precisamente a efetiva estrutura do domínio.

Essa estruturação, como já vimos, apresenta-se como um fundamento muito mais presente para a comunidade formada pelo ICOFOM. O contexto de surgimento desta comunidade não desconsidera a preexistente criação de instituições como a *Museums Association*, na Grã-Bretanha, em 1889, que promoveu o que os autores indicam como o primeiro momento de sistematização de conteúdos que consagraram questões teóricas e práticas relativas ao museu, caracterizadas pela publicação intitulada *Report of proceedings* (1890) e substituída pelo *Museums Journal* (1902). Somam-se iniciativas semelhantes ocorridas na Alemanha e Estados Unidos, respectivamente, onde se publicava os periódicos *Museumkunde* (*Deutschen Museumsbu*, 1905) e *Museum Work* (*American Association of Museums*, 1919). Entretanto, Mairesse e Desvallées apontam a inexistência, nestas publicações, da utilização de termos como museologia e museografia, optando-se pelas expressões “organização”, “trabalho” e “prática de museus”⁴¹.

A não aplicação destes termos, para o período, sugere um aparente desapego de quaisquer aspectos comuns por parte da comunidade envolvida; e pode ser entendida como um período de imaturidade dos acordos e, portanto, dos locais de circulação dessas informações. É o que, em contextos mais desenvolvidos, constitui as convenções, as quais, segundo Cerávolo⁴², atuam na redução da plasticidade da palavra e consolidam um campo semântico mais circunscrito, entendido como linguagem de especialidade de um dado contexto. E, apesar disso, esse conjunto de publicações, que adentrou o século XX, não deixou de considerar a dimensão de uma “ciência do museu”⁴³ representada por aspectos como pesquisa especializada, conservação e preservação de bens materiais, organização e funcionamento do museu, arquitetura, história, deontologia e tipologias de museu.

No que se refere à consolidação e amadurecimento de contextos favoráveis à estabilidade conceitual, a ampliação do campo de formação profissional ocasionou alterações no programa curricular da *École du Louvre*, no período entre guerras, como

⁴¹ MAIRESSE, F.; DESVALLÉES, A. Brève histoire de la muséologie: des Inscriptions au Musée virtuel. In: MARIAUX, P. (Org.). *L’object de la muséologie*. Neuchâtel: Institut de l’art et de muséologie, 2005. p. 14.

⁴² CERÁVOLO, S. M. **Da palavra ao termo**: um caminho para compreender a museologia. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004. p. 12.

⁴³ MAIRESSE, F.; DESVALLÉES, A. Op. cit. p. 14.

apontam Mairesse e Desvallées⁴⁴. Sentidos mais ampliados da noção de museografia abarcaram formalmente mais do que a técnica descritiva, sinalizando o que seria um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos associados aos museus - muitas vezes, interpretados como sinônimo para a própria museologia.

Em contextos clássicos e, por isso mesmo, amplamente difundidos, como o de instituições como o Museu do Louvre, no modelo Tradicional de Museu, no qual a “relação específica entre humano e real seria definida pelas articulações entre homem - ideia - essência - memória; mas num cenário já atravessado, desde o advento da escrita, pela presença do objeto”⁴⁵, concentra-se uma força reativa de compreensão da realidade possível de ser compreendida como elemento de trabalho da Museologia. É isto o que sugere o processo de institucionalização e de convergência de iniciativas que permeou o século XX. A projeção de domínio de uma Europa colonialista, para alguns⁴⁶, reflete-se nos efeitos de progressões institucionais que confluíram na criação do *Office International des Musées* (OIM)⁴⁷, responsável pela circulação do periódico *Mouseion*, no qual o termo Museografia obteve maior popularidade, inclusive no cenário brasileiro, a partir da década de 1930.

Em acompanhamento à reconfiguração da ordem social ocasionada pelos efeitos do mundo pós-guerras, tais transformações são parte da progressão de interesses que culminou, no âmbito da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), na criação do *International Council of Museums* (ICOM)⁴⁸, e, posteriormente, do ICOFOM, em 1976 - de onde partem perspectivas sobre o Museu interessadas nas relações sistêmicas que o rodeiam⁴⁹. O que constitui parcialmente o esforço do ICOFOM em representar o conhecimento dito museológico, passa pela consideração do potencial catalisador dessa produção, reforçado como uma característica singular por seus membros; e nutre a definição de uma possível situação pré-paradigmática, caracterizada pela existência de “diversas

⁴⁴ Ibid. p. 13.

⁴⁵ SCHEINER, T. C. M. Museu, museologia e a ‘relação específica’: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.358-378, set./dez., 2013. p. 365.

⁴⁶ SOARES, B. C. B.; DE CARVALHO, L. M.; CRUZ, H. V. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. (Org.). **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate** (1922-2012). 1ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 244-262. p. 246.

⁴⁷ Escritório Internacional de Museus.

⁴⁸ Conselho Internacional de Museus.

⁴⁹ BELLAIGUE, M. Memória, Espaço, Tempo, Poder. In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**. v.2, n.2, pp. 87-90, 2009. p. 87.

concepções de natureza distintas; cada uma delas parcialmente derivada e todas apenas aproximadamente compatíveis com os ditames da observação e do método científico”⁵⁰.

1.2 Desafios e condições impostas ao domínio da Museologia

Como visto, não convencionado ao rigor da Academia, o ambiente produtivo do ICOM e, especificamente, do ICOFOM, possibilitou a difusão de uma crença na cientificidade da Museologia. De modo diferente, o desenvolvimento do âmbito do conhecimento que consagra um ‘campo dos museus’, a partir da década de 1960, recebe notoriedade científica pela associação, ao universo acadêmico, da comunidade de pesquisa constituída pelos *Museum Studies*. Uma crítica publicada por Mairesse, no âmbito do ICOFOM, em 2012, apresenta uma expectativa de resposta aos desafios da constituição da Museologia como domínio, em maior ou menor medida equivalente - posto que compartilham das mesmas categorias de representação - a museu, patrimônio, memória, preservação, identidade. O autor levanta a possibilidade de um desinteresse a respeito da constituição de cientificidade para a Museologia por parte dos pesquisadores vinculados aos *Museum Studies*, indicando que, ao se limitarem à utilização das ferramentas conceituais oferecidas pelas disciplinas universitárias, “não tentaram constituir seu campo de pesquisa a partir de um método específico e independente, fundamentado num aparelho conceitual que lhes seria próprio”⁵¹.

Deriva disto a possibilidade de indicação de uma característica para essa comunidade, que condicionaria o que se compreende como uma resistência linguística em torno da Museologia; e o partilhamento de uma percepção pragmática sobre as questões metodológicas e, até mesmo, ideológicas, da constituição de domínios. Isto pode ter determinado, pela integração simplificada à dinâmica de produção vigente, a prosperidade dos *Museum Studies*.

Questiona-se, então, a informalidade ou mesmo a formalidade paralela à do desenvolvimento científico, constituinte da produção do ICOFOM. Poderia esta produção constituir, sob o efeito do poder de crenças, a “necessidade de condições de

⁵⁰ KUHN, T. **Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 23.

⁵¹ MAIRESSE, F. O museu inclusivo e a museologia mundializada. **Termos e conceitos da Museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral**. ICOFOM LAM, Documentos de trabalho, p.35-52, 2012. p. 38.

existência, a submissão à autoridade de certa ordem de coisas que prospere e desenvolva um Sei, proporcionando-lhe a *aquisição da potência*⁵²? E, se não for o caso, escaparia da limitação de aparentar apenas “um sinal de força insuficiente para estabelecer para si então, produtivamente, novamente um fim, um porquê, uma crença”⁵³?

Primeiramente, considera-se que a comunidade formada pelo ICOFOM não deve objetivar exclusivamente a acomodação de suas contribuições em ordenamentos científicos mais consolidados, comprometimento sustentado desde sua criação, de “modular um conhecimento particular, explicitar uma teoria e apontar métodos”⁵⁴. Mais que isso, considera-se que, diante do afastamento da formalidade acadêmica, uma possibilidade de transgressão que determina o compromisso de evidenciar a composição de um fundamento potencialmente dinâmico que se traduz em objetos de estudo e métodos. A Museologia, nesses termos, constituiria um domínio capaz de evidenciar as limitações que antecedem e acompanham a constituição das forças produtivas científicas, mantidas segundo a própria prática científica; os objetivos ideológicos para precisar as suas finalidades sociais; os meios políticos para organizar a distribuição dos instrumentos teóricos ou práticos; e os sujeitos para esses objetivos⁵⁵.

Soma-se a esse condicionamento o estreitamento de uma relação com uma história das ideias disposta ao tratamento

dos elementos secundários e das margens. Não a história das ciências, mas a dos conhecimentos imperfeitos, mal fundamentados, que jamais puderam atingir, ao longo de uma vida obstinada, a forma da cientificidade (história da alquimia e não da química, dos espíritos animais ou da frenologia e não da fisiologia, história dos temas atomísticos e não da física). História das filosofias obscuras que perseguem as literaturas, a arte, as ciências, o direito, a moral e até a vida cotidiana dos homens; história dos tematismos seculares que jamais se cristalizaram em um sistema rigoroso e individual, mas que formaram a filosofia espontânea dos que não filosofavam. História, não da literatura, mas do rumor lateral, da escrita cotidiana e tão rapidamente apagada que nunca adquire o *status* da obra ou que imediatamente o perde: análise das sublitteraturas, dos almanaques, das revistas e dos jornais, dos sucessos fugidios, dos autores inconfessáveis. Assim definida - mas vê-se de imediato o quanto é

⁵² NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 37. Grifo do autor.

⁵³ Ibid. p. 37

⁵⁴ CERÁVOLO, S. M. **Da palavra ao termo**: um caminho para compreender a museologia. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004. p. 49.

⁵⁵ RAYMOND, P. **A História e as Ciências**. Porto: Rés, 1978. p. 9.

diffícil fixar-lhe limites precisos -, a história das ideias se dirige a todo esse insidioso pensamento, a todo esse jogo de representações que correm anonimamente entre os homens; no interstício dos grandes monumentos discursivos, faz aparecer o solo friável sobre o qual repousam. Trata-se da disciplina das linguagens flutuantes, das obras informes, dos temas não ligados. Análise das opiniões mais que do saber, dos erros mais que da verdade; não das formas do pensamento, mas dos tipos de mentalidade.

Mas, por outro lado, a história das ideias se atribui a tarefa de penetrar as disciplinas existentes, tratá-las e reinterpretá-las. Constitui, pois - mais do que um domínio marginal -, um estilo de análise, um enfoque. Ela se encarrega do campo histórico das ciências, das literaturas e das filosofias: mas aí descreve os conhecimentos que serviram de fundo empírico e não refletido para formalizações ulteriores; tenta reencontrar a experiência imediata que o discurso transcreve; segue a gênese de sistemas e obras, a partir das representações recebidas ou adquiridas.⁵⁶

Diante disso, a conquista de condições de cientificidade para essa comunidade estaria potencializada pela responsabilidade de somar efeitos sobre uma “combinação de divergências”⁵⁷ próprias da constituição de um paradigma incomensurável e aparentemente inesgotável, capaz de construir questões mais eficazes ao invés de produzir respostas. Partilhar de uma razão cujos valores equivalentemente dispares produzem o complemento de sentido necessário para a integridade das deliberações, na articulação entre a ordem e a desordem⁵⁸. Nesse cenário, preferencialmente, o foco dos questionamentos de um saber dito *museológico* estaria, portanto, localizado no âmago do processo de validação de referências, essência de muitas questões sobre a dominância na representação patrimonial.

Nietzsche atribui especial importância à deliberação na identificação do que poderia continuamente apresentar-se como algo alinhado ao presente bem vivenciado, pleno de encontros, reconciliado constantemente com o real - o que marca a noção do *eterno retorno* em sua obra. Esta é uma associação essencial a esse saber, sustentado por um paradigma que tenha obtido o referido êxito. Neste sentido, acredita-se que, para a determinação e manutenção de qualquer fundamento estruturante do pensamento, seja necessária a atribuição do “mais pesado dos pesos”⁵⁹, definido pela condição de sustentar uma honesta relação com a dinâmica da

⁵⁶ FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 154-155.

⁵⁷ PESSIS-PASTERNAK, G. **Do caos a inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1993. p. 22-23.

⁵⁸ MORIN, E.; LE MOIGNE, J-L.. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000. p. 205.

⁵⁹ NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1 ed. 2001. p. 219.

vida, inescapável. Em outras palavras - o que conferisse à razão estrutural do conhecimento a capacidade de nutrir as respostas adequadas ao bom andamento da vida, tomando como um critério central o respeito ao seu dinamismo característico.

Estas articulações direcionam aplicações sobre a ideia de Museologia propostas pelo conjunto de conceitos norteadores do domínio, no âmbito do ICOFOM/ICOM. Entre os trabalhos recentes que contribuíram para tais resultados poderíamos citar o *Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie*⁶⁰, considerado uma referência para alguns membros da comunidade em destaque, resultado parcial de um trabalho organizado desde a década de 1990, com a instauração do projeto permanente de pesquisa Terminologia da Museologia, desdobrado pelo contexto de vários países – entre eles, o Brasil. Mas as múltiplas aberturas desenvolvidas no âmbito do ICOFOM/ICOM já vinham priorizando, desde meados dos anos 1970, diferentes definições: uma, muito própria da comunidade de pesquisadores do ICOFOM, que se associa ao termo *museal* e que trata das questões epistêmicas e ônticas da Museologia como saber específico, ou campo disciplinar; outra – associada ao termo *museológico* - que se refere a tudo o que integra a esfera dos museus, estrutural e processualmente, difundida no mundo anglo-saxônico e latino-americano, onde, geralmente, constituem-se perfis profissionais especializados; e outra ainda, que representa aspectos determinados por uma etimologia do termo *museu*, aproximando a ação da pesquisa aos museus, formando um campo de conhecimento científico aplicado a essas instituições, abarcando história institucional, procedimentos técnicos, redes de relações e funções sociais. Considera-se ainda a ideologia promovida pelo movimento da Nova Museologia a partir da década de 1980, determinada a ampliar as dimensões políticas e sociais dos museus, evidenciando a necessidade da interlocução entre o patrimônio e o desenvolvimento social.

Interessa ressaltar entre estas definições as que promovem uma aproximação determinada pelos esforços de seus pesquisadores, o que pode sinalizar não a constituição de diferentes possibilidades de entendimento, mas, sim, a própria evolução desses investimentos. A primeira, considerando a formação de um campo de investigação potencialmente apropriado pela ciência, é indiciada como uma forte influência para a produção do ICOFOM, ao final do século XX. Representa como objeto de interesse a relação específica entre o homem e a realidade, determinada por

⁶⁰Dicionário enciclopédico de museologia. DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

um valor convencionado como *musealidade*. Atrelada à produção desenvolvida na República Tcheca, essa vertente contou com a contribuição de pesquisadores como Z. Stránský, Anna Gregorová e Jan Jelínek, criador do ICOFOM.

Para Desvallées e Mairesse, a perda de potencial desse pensamento correspondeu à indeterminação de um conjunto de fatores que determinariam a estrutura de um conhecimento formal, atendendo aos “critérios epistemológicos de uma abordagem científica específica”⁶¹. Neste sentido, a última definição de Museologia apontada pelos autores, por caracterizar todo esse conjunto de investimentos teóricos já diante de uma realidade que requer a compreensão do humano e da realidade em complexidade e subjetividade⁶² que simboliza, em muito, a episteme contemporânea, necessariamente, invalida a justificação de uma perda de potência das proposições do pensamento de Brno. Enquanto “denominador comum”⁶³, essa definição, muito mais do que as anteriores, supõe o reexame das produções com o devido distanciamento que não aproxima olhar dos que “coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente”⁶⁴.

Para esse momento, a percepção do valor contrário, da inviabilidade, do que não se constitui como uma opção próspera, eficaz - como justificado em relação ao pensamento tcheco - reforça a necessidade de responder ao desafio de configurar um sistema de interpretação da realidade, um campo do conhecimento científico para a Museologia, comprometido com a neutralização de arbitrariedades cognitivas. Ao localizar-se na contemporaneidade, o domínio da Museologia necessita afastar-se de quaisquer possibilidades de se deixar cegar pelo momento atual, devendo “manter fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar”⁶⁵.

E como pode não ser possível atribuir a Stránský tal posicionamento? Como não considerar que na complexidade de suas proposições a ambivalência confere

⁶¹ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE F. Eds. **Concepts clés de muséologie**. Paris: ICOM/Armand Colin, 2010. p. 57.

⁶² SOARES, B. C. B. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 2, p. 55-71, 2012. p. 58.

⁶³ DESVALLÉES, A. ; MAIRESSE, F. Op. cit. p. 57.

⁶⁴ AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. P. 59.

⁶⁵ Ibid. p. 63-65.

mobilidade ao museu e à museologia, localizando sua produção no caminho da episteme contemporânea?

Na década de 1980, ao trabalhar a influência da Museologia sobre questões localizadas nos países em desenvolvimento⁶⁶, Stránský buscou evidenciar, por influência da Teoria Geral dos Sistemas⁶⁷, que a capacidade do domínio de formular respostas à altura dos problemas envolvendo a representação do Museu como um “todo” deveria revestir-se de cientificidade, e, portanto, integrar um sistema de influência mais abrangente. Segundo o autor, a Museologia poderia direcionar-se para aspectos mais gerais, sem desconsiderar o que houvesse de concreto, como as relações institucionais restritas à cultura de objetos. Neste sentido, a própria manifestação e conseqüente consideração de aspectos mais gerais decorre do que se apresenta concretamente e que, no sentido contrário, não determina resultado semelhante.

A abordagem da Museologia deveria então compreender o real sentido do que o autor busca apontar de forma metafórica - indicando que seria impossível enxergamos uma floresta, enquanto estivermos inteiramente envoltos por suas árvores. Expressa, então, que a base de um conhecimento científico repousa no reconhecimento de que uma noção de floresta não seria íntegra sem a inclusão da identificação objetiva das árvores.

A integração de aspectos abstratos e concretos proposta por Stránský⁶⁸ determina uma possível construção de respostas adequadas, para questões como a constituição das referências patrimoniais e a consolidação de interesses políticos. Para o autor, a elaboração dos perfis de coleções que normalmente reforçam com potencial arbitrariedade a importância de um passado colonial; a atenção ao planejamento de novos museus de acordo com as necessidades de desenvolvimento de cada país; e, ainda, a necessidade de reexame e atualização de exposições de longa duração, por vezes sujeitas à cristalização de valores unicamente representativos de parcelas elitizadas das sociedades, inviabilizam uma relação mais democrática dos museus com a sociedade; e constituem exemplos de possíveis

⁶⁶ STRÁNSKÝ, Z. Z. *Museologie: Deus ex machina*. In: **Museology and Developing Countries – Help or Manipulation?** (ICOFOM STUDY SERIES 15). Hyderabad - Varnasi – New Delhi, 1988. p. 211.

⁶⁷ CERÁVOLO, S. M. **Da palavra ao termo: um caminho para compreender a museologia**. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004. p. 91.

⁶⁸ *Ibid.* p. 211-212.

questões absorvidas pela intervenção da Museologia, a partir do seu aspecto científico.

Evidencia-se, aqui, um investimento na ideia de um campo do conhecimento esclarecida sobre as mais sensíveis limitações percorridas. Algo que não se pode confundir com ineficiência, e sim com uma centelha - afinal, ao considerar a dificuldade do processo de formatação da Museologia como conhecimento científico, Stránský aproxima-se da espontânea imposição do real sob a forma de uma “incontornável complexidade”⁶⁹.

A definição do fenômeno Museu como elemento constituinte de uma tendência de conhecimento⁷⁰ de caráter museológico reflete-se como um argumento constante na produção de Stránský. O que se apresentou como uma oposição a este pensamento, para ele próprio, não representava uma ameaça, mas antes, a sinalização de um movimento decorrente do processo de institucionalização do domínio. Caberia à Museologia, então, “lidar com esses fluxos heterogêneos e separar os elementos contributivos”⁷¹, levando também em consideração a implicação de variações de sentidos empregadas no domínio, pelo uso de mais de um idioma oficial.

Segundo Mairesse, além da produção do Leste europeu e dos países francófonos, que expressam “uma necessidade de prática à qual uma literatura adequada tenta responder, convém principalmente sublinhar que a escola anglo-saxã certamente desenvolveu uma importante reflexão teórica”⁷². Stránský⁷³ contribuiu para a sistematização dos acontecimentos que determinam essa aproximação, evidenciando um trabalho de investimento na constituição de uma unidade de pensamento pouco valorizada em décadas anteriores à de 1980. A alteração desse quadro condicionou-se ao momento em que o desenvolvimento da Museologia no contexto institucional indicou a necessidade de que um domínio específico fosse contemplado com uma formação específica. Vista como iniciativa precoce, a

⁶⁹ MORIN, E. Edgar Morin, contrabandista dos saberes. In: PESSIS-PASTERNAK, G. **Do caos à inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1993. p. 22-23.

⁷⁰ STRÁNSKÝ, Z. Z. Basic paper. In: **Methodology of Museology and professional training**. (ICOFOM STUDY SERIES 1). London: ICOFOM, p. 126-132, 1983. p. 126.

⁷¹ STRÁNSKÝ, Z. Z. Museologie: Deus ex machina. In: **Museology and Developing Countries – Help or Manipulation?** (ICOFOM STUDY SERIES 15). Hyderabad - Varnasi – New Delhi, 1988. p. 212.

⁷² MAIRESSE, F. O museu inclusivo e a museologia mundializada. **Termos e conceitos da Museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral**. ICOFOM LAM, Documentos de trabalho, p. 35-52, 2012. p. 36.

⁷³ STRÁNSKÝ, Z. Z. The Department of Museology, Faculty of Arts, Masaryk University of Brno, and the questions of defining a profile of the Museology Curriculum. In: **Symposium Museum, Space and Power**. (ICOFOM STUDY SERIES – ISS 22). Atenas: ICOM/ICOFOM, 1993. p. 127.

aproximação com a formação em universidade no contexto tcheco tornou-se possível a partir de 1965, quando o interesse pela formação complementar dos profissionais de museus permitiu um estreitamento da relação entre o Museu da Morávia e a Universidade de Brno.

Em contraponto ao que nos parece uma generalização, o conjunto de acontecimentos que comprova, no desenvolvimento das proposições no Leste europeu, a influência de termos como 'musealia' (objeto de museu), 'musealidade' (qualidade atribuída aos elementos da realidade), 'museu' (fenômeno constituído por meio de uma relação entre o Humano e o real), trabalhados com o objetivo de não apenas de assegurar os elementos constitutivos de uma via de compreensão da realidade, como também de compreensão do próprio domínio, constituiu o que, para autores como Gob e Drouguet⁷⁴, pode ser considerado como um investimento na determinação de uma proposta meta-discursiva.

Sobre as aproximações na América Latina, o contexto de desenvolvimento da Museologia no Brasil pode ser, ao contrário do que se afirmou, um bom exemplo do processo de institucionalização do domínio da Museologia - pela manutenção, ao longo do século XX, de relações com a produção científica e, também, com a estrutura administrativa responsável pela elaboração das políticas públicas culturais. Isto indica a existência de investimentos de natureza teórica e prática, que obedeceram aos diferentes ciclos de desenvolvimento das discussões sobre a Museologia e o campo dos museus, tanto em âmbito nacional como internacional. Este contexto constitui a temática central do capítulo seguinte (capítulo 02), no qual são considerados níveis variados para a institucionalização da Museologia - associados à conformação do discurso das políticas culturais em torno do patrimônio nacional.

A representação (condição de necessidade) do conhecimento dito museológico que deriva dos acontecimentos desenvolvidos em contextos como o tcheco e o brasileiro, em última análise, podem ser apresentados como elementos capazes de permitir a existência de pontos de ligação de uma sistematização - neste caso, da sistematização que decorre do processo de institucionalização. Desse modo, compreendem as

⁷⁴ GOB, A. & DROUGUET, N. **La muséologie**. Histoire, développements, enjeux actuels. Paris : Armand Colin, 2006. 293f. p.17.

dispersões estudadas nos níveis precedentes [que] não constituem simplesmente desvios, não-identidades, séries descontínuas, lacunas; podem chegar a formar subconjuntos discursivos - os mesmos aos quais, habitualmente, se dá uma importância maior, como se fossem a unidade imediata e a matéria-prima de que são feitos os conjuntos discursivos mais vastos ('teorias', 'concepções', 'temas')⁷⁵.

Sob tal compreensão, o reexame dos contextos analisados permite a atribuição de sentidos ao que se desenvolve em conjunturas, proposições, perfis, experiências e demais relações socioculturais que abarcam a complexidade da formação de uma instância discursiva autônoma, e que podem se consolidar como um domínio democrático e, portanto, múltiplo de ofertas de planos de melhorias cada vez mais conscientes das necessidades essenciais das sociedades.

⁷⁵ FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 73.

CAPÍTULO 2

O PATRIMÔNIO E A MUSEOLOGIA: SOBRE A IMAGEM DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

CAPÍTULO 2 – Patrimônio e Museologia: sobre a imagem da nacionalidade brasileira

As representações da realidade brasileira e a consequente formação de critérios constituintes de uma ideia de nacionalidade encontram-se associadas às justificativas para a existência e o conteúdo dos primeiros museus de referência nacional. O país, que chegaria ao final do século XIX com aproximadamente dez instituições desta natureza⁷⁶, contava com um trabalho de captura de elementos da vida natural, através da formação de uma rede de coleta orientada por um modelo europeu de abastecimento de informações, desenvolvido para a manutenção dos museus metropolitanos. Isto se traduziu, para o Brasil, no formato dos gabinetes provinciais associados ao Museu Nacional⁷⁷. A função desses museus, acrescida do interesse de propagar as riquezas imperiais, que iam além dos elementos da fauna e flora nativas⁷⁸, configurou as percepções iniciais sobre a diversidade, ainda que desnaturalizada pelo universalismo presente nos discursos que permeavam os objetos das Ciências Naturais no período.

A criação de centros educacionais e científicos, representando o processo de institucionalização de saberes, articulou-se em diálogo com os museus, à época dirigidos por intelectuais - em grande parte, provenientes da Academia Militar⁷⁹ e distribuídos por novas instituições como Institutos Históricos, os Museus Etnográficos, as Faculdades de Direito e de Medicina, Escolas Politécnicas⁸⁰ e demais centros ligados, direta ou indiretamente, ao conhecimento formal. Assim, as pesquisas desenvolvidas nos museus integraram a constituição da imagem de um Brasil em processo de independência. A sistematização desse processo determinou parte da dimensão burocrática da administração pública no país, influenciada pela naturalização de espaços de atuação de uma inteligência nacional produtora de sentidos sobre a nacionalidade, e que ganha complexidade, não pelo estreitamento da relação entre a pesquisa e os museus, mas pelo surgimento de instituições como o

⁷⁶ SEPULVEDA, M. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, jun, 2004, vol. 19, no. 55, p. 53-72. p. 56

⁷⁷ LOPES, M. M. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no séc. XIX. São Paulo: Hucitec, 1997. p.151.

⁷⁸ SEPULVEDA, M. p. 56.

⁷⁹ LOPES, M. M. Op. cit. p. 48-51.

⁸⁰ FERNANDES, J. R. O. Muito antes do SPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937). In: **Seminário Internacional de Políticas Culturais**: teorias e práxis, 2010.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Este simboliza, para Fernandes⁸¹, um marco sobre a representação da nação, um “‘lugar de memória’ por excelência”. No entanto, é possível sinalizar aspectos de uma autonomia criativa na construção desses espaços de representação do país, sistematizada a partir da existência dos institutos históricos, que compunham, “para além das especificidades políticas e regionais”⁸², uma codificação por meio de critérios exclusivos, ainda que associada à ordem enciclopédica, compreendendo uma atribuição de sentidos aos acontecimentos e atores que permearam uma história composta enquanto tradição.

Apesar desta frente de produção, o desenvolvimento de políticas públicas sobre as questões culturais, definidas em resposta à promoção de novas representações da nação, capazes de consolidar uma política patrimonial e novas instâncias de articulação – o que, como vimos, é capaz de envolver tanto os museus, quanto um posterior processo de institucionalização da Museologia –, foi determinado, de modo mais evidente, a partir das transformações ocorridas no cenário político formado ao longo das primeiras décadas do século XX.

Neste sentido, consideram-se exponenciais as ações das Inspetorias de Monumentos⁸³, combinadas às mudanças promovidas pela renovação do processo de institucionalização em diversos setores, principalmente com a instauração do Estado Novo, que se utilizou da apreensão de domínios de conhecimentos específicos - como as análises sobre o território e os costumes brasileiros - para nutrir o potencial de influências de suas ações.

A autoridade da administração estadonovista, fundamentada em uma ideologia organicista que buscou reforçar sua imagem como uma “zona de equilíbrio da nação”⁸⁴, estruturou um formato político-institucional determinado a influenciar o escopo de diversas instituições, o que sinaliza um padrão de influência comum para a maioria dos processos de institucionalização em desenvolvimento no período.

Sob essa influência, criou-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sinalizando “pela primeira vez uma preocupação com a correta localização das áreas a serem cobertas pelo Censo”⁸⁵, como também um primeiro momento de

⁸¹ Ibid. p. 2.

⁸² SCHWARCZ, L. M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. **Mal-estar na Cultura**. Rio Grande do Sul, abr/nov, 2010. p. 11-12. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural>>. Acesso em: 05 de out. 2016.

⁸³ Ver Cerávolo (2012) e Cantarelli (2012).

⁸⁴ BOSI, A. Formações ideológicas na cultura brasileira. **Estudos Avançados**. 1995, v. 9, n. 25, p. 275-293. p. 293.

⁸⁵ Ibid. p. 3.

redefinição territorial motivado por questões prioritariamente estratégicas. O mapeamento das condições territoriais permitiria, assim, o aprimoramento de soluções para a resistência de blocos políticos concentrados em diversas partes do país. A abordagem com esse objetivo incorporou à divisão espacial do território brasileiro a necessidade de valorização de diferenças culturais como o clima, a vegetação, a economia e, também, os sistemas de crenças, nos quais a vontade, e uma possível autonomia política, podem inexistir⁸⁶.

Parte disso se identifica no exercício de Fernando de Azevedo à frente do Censo realizado em 1940 pelo IBGE, o que pode representar a consonância com as questões situacionistas. Apresentando-se como um dos mais enfáticos defensores da valorização do olhar científico concentrado na figura dos intelectuais, capazes de “elucidar com a segurança e o rigor que seria inútil procurar fora de uma sólida estrutura conceptual e de técnicas adequadas”⁸⁷ à definição da realidade brasileira, Azevedo contribuiu para uma imagem potencializada da territorialidade brasileira, enquanto elemento de concentração de influências políticas.

Ao trabalhar as questões territoriais em função do projeto do Estado, constituiu-se como um condutor das variadas “formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território”⁸⁸. Algo possível, diante dos níveis de institucionalização do período estadonovista que, entre outras funções, determinaram, segundo Bosi⁸⁹, a formação de um conjunto teórico instrumentalizado, isto é, articulado como ferramenta de persuasão.

Esse conjunto de representações foi desenvolvido através do trabalho de intelectuais que

faziam parte do meio acadêmico e eram, alguns deles, pertencentes às classes mais altas da sociedade da época. Dessa forma, a participação desses reforça uma posição “paternalista” do Estado, no sentido em que as diretivas tanto para a construção de uma noção de identidade nacional quanto para a maneira de unificar e expandir essa identidade são dadas, ditadas, por um grupo “detentor” do conhecimento. Essa atitude serviu para que muitas das diferenças sociais brasileiras fossem abrandadas, fazendo com que não apenas grupos étnicos (negros, brancos, indígenas) como também classes sociais diferentes tivessem suas atuações homogeneizadas⁹⁰.

⁸⁶ NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 472.

⁸⁷ AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. Biblioteca Básica Brasileira. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963. p. 231.

⁸⁸ FOUCAULT, M. Sobre a geografia. In: **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 158.

⁸⁹ BOSI, A. Op. Cit. p. 282-283.

⁹⁰ MIGUEL, N. M. D.; CORREIA, M. R. S. Os intelectuais no IPHAN e no IBGE na Era Vargas. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura ENECULT**. V, 2009, Salvador. p. 3.

Este perfil se estruturou no cerne de órgãos e redes interessadas na adoção de noções mais particulares de cultura, que, segundo Schwarcz⁹¹, observam-se nos efeitos sociais de um modernismo paulista e na conformação de referências culturais construída na Região Nordeste; duas frentes caracterizadas pelo interesse na constituição de domínios culturais relacionados a diferentes direcionamentos conceituais em torno da formação identitária brasileira, e que permitem a identificação da natureza diversa dos discursos veiculados pelas instâncias de articulação do patrimônio. Estas frentes são capazes de indicar as oscilações de imagem dos intelectuais como agentes dos processos de institucionalização em diversos níveis, entre o que se coloca “a serviço do Estado, trabalhar para o Estado, e [o] que pode perder seu status de ‘intelectual’ com o retorno à democracia e com a história escrita neste contexto, passando do tempo verdadeiro ao tempo representado”⁹².

Neste sentido, ressalta-se a abordagem de Chuva sobre Mário de Andrade, que pareceu permear os dois momentos dessa escolha entre um lugar de falas verdadeiras e outro de falas forjadas. Como articulador de uma percepção ampliada da cultura popular brasileira e proponente de fundamentos para a ação do Estado sobre a preservação patrimonial, desenvolveu experiências que lhe permitiram formular o anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e indicar uma proposta de “unidade cultural amalgamada pela diferença, [...] que escapava de qualquer regionalismo”⁹³, entre 1935 e 1937.

Sua perspectiva buscava uma representação nutrida pela “vida imediata, ativa e intrínseca do Brasil”⁹⁴, pensamento que concentra a simultaneidade entre o dinamismo e a imersão. Fundamentado no próprio movimento regional do modernismo brasileiro ocorrido na década anterior, constituído com o que havia de muito presente na codificação da realidade pelas das vanguardas europeias, visava estimular

A reação contra todas as indigestões de sabedoria.
O melhor de nossa tradição lírica.
O melhor de nossa demonstração moderna.
Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de
mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting
cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências

⁹¹ SCHWARCZ, L. M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. **Mal-estar na Cultura**. Rio Grande do Sul, abr/nov, 2010. p. 11-12. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural>>. Acesso em: 05 de out. 2016.

⁹² ROLLAND, D. O historiador, o Estado e a fábrica de intelectuais. In: **Intelectuais e Estado**. p. 96.

⁹³ CHUVA, M. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 34, p. 147-165, 2012. p. 154.

⁹⁴ ANDRADE, M. (1981 apud CHUVA, M. Op. Cit. p. 154).

livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica.
Sem ontologia.⁹⁵

O interesse em romper a norma, conferido a certos níveis de representação do modernismo europeu, refletiu-se na produção brasileira em um período político em que o autoritarismo se demonstrou cada vez mais incorporado ao cotidiano. Ao buscarem “libertar o poema dos metros e a prosa dos rituais escolares para explorar o lendário tupi – o ‘nosso’ Inconsciente⁹⁶, os modernos paulistas sugeriram um método para uma construção supostamente legítima da identidade nacional. O aprofundamento das referências levaria ao encontro da necessária originalidade que minimizaria quaisquer domínios hegemônicos e, principalmente, importados de outras configurações sociais.

No entanto, o que, de modo geral, constitui a minimização ou neutralização de domínios pressupõe a emergência de outros. Sobre a apropriação da proposta andradiana, essa alternância que auxilia a determinação de novas representações, “a paisagem que é, agora, a nossa”⁹⁷ pode ter sido inviabilizada pela perda de representatividade da figura de Andrade sob a estrutura administrativa estadonovista, com a dissolução do Departamento de Cultura em São Paulo⁹⁸.

A possibilidade de desenvolvimento de uma política patrimonial constituiu-se de modo mais aparente a partir da atuação do SPHAN, orientada por Rodrigo de Mello Franco de Andrade. Sobre a influência de sua gestão nos museus brasileiros, indica-se um movimento estratégico em âmbito nacional em torno da preservação do patrimônio brasileiro, absorvendo características muito específicas do contexto da arquitetura religiosa mineira.

Em outra medida, a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1932, amplamente difundida como marco da institucionalização da Museologia no Brasil, marca um sentido estratégico aplicado aos museus diante de

uma séria crise financeira e institucional. Uma campanha presidencial vivamente contestada [estadonovista] e uma crise séria na economia nacional desviaram as atenções da nação para longe de instituições culturais como o Museu. Num contexto de verbas escassas, apoio não mais que esporádico da elite brasileira e pequena frequência do público às suas exposições, a instituição não podia continuar exercendo a defesa do patrimônio histórico nacional que tinha motivado o presidente Epitácio Pessoa a criar, em 1922, um museu

⁹⁵ ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes, 1976.

⁹⁶ BOSI, A. As Letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano. São Paulo, Difel, 1977. p. 316.

⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 159.

⁹⁸ CHUVA. M. Op. Cit.p. 153.

de história nacional. Com o início da Revolução de 1930 e as promessas dos rebeldes, liderados pelo gaúcho Getúlio Dornelles Vargas, de acabar de vez com a República Velha, a sobrevivência do Museu tornou-se ainda mais duvidosa.⁹⁹

A coexistência do SPHAN e do MHN aponta para direcionamentos estratégicos diferenciados, porém detentores de uma mesma finalidade: a legitimação de uma fala sobre a nacionalidade. As ações do SPHAN marcaram um diferenciado trabalho de atribuição de sentidos (critérios, pressupostos) e métodos (exposição, pesquisa, especialistas) em comparação ao que as experiências anteriores exerciam, a partir do pensamento predominante de Rodrigo de Mello Franco de Andrade.

Entretanto, não se pode determinar apenas que a escolha de perspectivas, aparentemente distintas, não sofra a interferência da mesma limitação que o sistema de pensamento dominante promove, de modo geral, sobre todas as representações, incluindo opiniões e deliberações. Afinal, o que constitui uma realidade é determinado pela própria perspectiva da sociedade que a representa, sendo o sistema de pensamento dominante simultaneamente a matriz e a síntese dessas representações¹⁰⁰.

O olhar sobre o SPHAN avança para a amplitude da aceitação da política patrimonial formulada sob essa influência, que deteve interesses sobre a preservação do patrimônio edificado e do tombamento, em sua maioria referente a uma estética colonial, muito em função da influência da teoria que atribui à formação da sociedade brasileira uma complacente estrutura resultante da junção de três raças¹⁰¹. A neutralização das diferenças para o SPHAN e a evidenciação das mesmas para os modernistas aproximam-se pela isenção de resistências à condição heterogênea da formação da nacionalidade. A formação de uma rede de influência pela gestão de Rodrigo de Melo Franco, institucionalizou práticas e saberes e constituindo coalizões com o regionalismo no Nordeste, “ainda que o pensamento não fosse idêntico”¹⁰².

A complexidade da representação do país, no caso da constituição do MHN apresenta a consolidação do pensamento de Gustavo Barroso, no sentido de uma formação voltada para a figura de conservadores de bens culturais habilitados para a intervenção em museus de História e Belas Artes, “ficando excluídos, desde o início, a

⁹⁹ WILLIAMS, D. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930 – 1960. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 29, p. 141-186, Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/MHN, 1997. p. 141.

¹⁰⁰ SCHEINER, T. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 23.

¹⁰¹ CHUVA, M. p. 154.

¹⁰² OLIVEIRA, L. L. **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008. p. 23.

reflexão sobre museus de ciências e o estudo das coleções científicas não consideradas material arqueológico ou etnográfico”¹⁰³, como aponta Scheiner.

Assim, o Curso de Museus, como estratégia para a consolidação de uma perspectiva de preservação de bens culturais de considerável valor histórico e estilístico, qualificada a partir de um rigor científico, identificado desde sua implantação em 1932, produziu limitações sobre a imagem do profissional museólogo, em certa medida, no que compreende o entendimento de uma atuação ampliada sobre tipologias institucionais e processos, ditos ou não museológicos, no tempo presente. Algo que a predominância da oferta única de formação especializada com o Curso de Museus pode ter determinado.

A divergência que marca a troca de agentes no âmbito do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (MESP), ocasionando a exoneração de Gustavo Barroso e a inclusão de representantes da política mineira, pode auxiliar no dimensionamento de perspectivas de desenvolvimento paralelas sobre o patrimônio e a Museologia no Brasil, ampliando a influência da formação a partir do Curso sobre os museus nacionais, e não apenas em função do MHN, como aponta Cruz¹⁰⁴.

Nesse sentido, a oferta do Curso dividia-se em um período de dois anos letivos, contemplando as disciplinas de História política e administrativa do Brasil (Período Colonial), Numismática (Parte Geral), História da Arte (especialmente do Brasil), Arqueologia aplicada ao Brasil, História política e administrativa do Brasil (até atualidade), Numismática (Brasileira) e Sigilografia, Epigrafia, Cronologia e Técnica de Museus, “com o intuito de desenvolver um ensino para a modernização do país, para a capacitação ao mercado de trabalho”, não se afastando da função de instrumento de propagação do ideal governamental em desenvolvimento no período.

Como elementos válidos em um sistema estratégico articulado pelos discursos governamentais – neste caso, os discursos situacionistas e regionalistas – ambas as perspectivas, SPHAN e MHN, por meio do seu Curso de Museus, complementam-se como instâncias de manutenção de discursos reguladores sobre a instituição da Museologia no Brasil.

¹⁰³ SCHEINER, Tereza Cristina. Sociedade, cultura, patrimônio e museus num país chamado Brasil. **Apontamentos, Memória e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan. / jun. 1994. p. 17.

¹⁰⁴ RIBEIRO, H. de V. C. **Um Capítulo na História da Museologia no Brasil**: um olhar sobre o surgimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1922-1935). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2014. 116p. p. 72-73.

2.1 As derivações de um regionalismo no Nordeste brasileiro: surge o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

A noção de influência da complementaridade das perspectivas do SPHAN e do Curso de Museus pode ser mensurada por meio dos resultados da relação entre cultura e política circunscrita por características regionais que atravessa a trajetória de Gilberto Freyre. A partir da década de 1930 - na qual, evidencia Schwarcz¹⁰⁵, foi possível a construção de uma nacionalidade composta pelo reconhecimento da mestiçagem como uma referência conformada de modo harmonioso. A atuação de Freyre, apesar de aparentemente desfavorável à postura ditatorial assumida pelo governo Vargas¹⁰⁶, não se desenvolveu ao longo deste período afastada da figura de um intelectual capacitado para a tarefa de interpretação da realidade nacional.

O reconhecimento do êxito do Estado Novo, no que compreendeu os avanços de natureza legislativa e as políticas públicas para a Região Nordeste¹⁰⁷, sugere uma justificativa para a pertinência de sua associação à rede de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, apesar do veto de sua nomeação como correspondente do SPHAN pelo interventor Agamenon Magalhães¹⁰⁸.

Para Cavalcanti, o pensamento freyriano constituiu grande influência sobre uma imagem otimista para o homem brasileiro apresentada pela urbanização moderna, priorizada pela ação do SPHAN e inserida “em um movimento mais amplo dos intelectuais brasileiros” que assumiram uma “postura intervencionista ou domesticadora em relação às camadas populares”, atravessando “os mais diversos campos e matizes político-ideológicos”¹⁰⁹. Situado na “ambígua posição de guardião da cultura brasileira e repórter e intérprete de práticas e ideias estrangeiras”¹¹⁰, Freyre constituiu importante espaço no cenário de articulação e interferência na realidade brasileira, ressaltando a necessária campanha de apreço pelo valor da antiguidade,

¹⁰⁵ SCHWARCZ, L. M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. **Mal-estar na Cultura**. Rio Grande do Sul, abr/nov, 2010. p. 11. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural>>. Acesso em: 05 de out. 2016.

¹⁰⁶ FREYRE, G. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 46.

¹⁰⁷ PALLARES-BURKE, M. L. **Gilberto Freyre**: Social Theory in the tropics. Witney, RU: Peter Lang Oxford, 2008. p. 128.

¹⁰⁸ CAVALCANTI, L. **Moderno e Brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60). p. 109.

¹⁰⁹ CAVALCANTI, L. Op. cit. p. 130.

¹¹⁰ PALLARES-BURKE, M. L. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora da Unesp, 2005. p. 173.

dos monumentos nacionais e da tradição que permitiriam a manutenção da criatividade¹¹¹.

A possibilidade de efetivo empenho para a concretização desses anseios pode ser atribuída ao fato de ter sido deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN-PE) a partir de 1946; e de ter apresentado um projeto de criação de um núcleo de pesquisas voltado para a realidade do Nordeste brasileiro, motivado pela organização de iniciativas em torno do centenário de nascimento de Rui Barbosa. A pretensão de formalizar semelhante marco em nome do escritor e diplomata Joaquim Nabuco, também devido à proximidade do seu centenário de nascimento, que incluía a premiação de ensaios e criação do IJNPS¹¹², foi efetivada em 1949. O projeto, que absorveria não apenas as referências da trajetória de vida de Nabuco, marcada pelo combate à injustiça social através da causa abolicionista e questões diplomáticas, mas também a própria personalidade e trajetória de Freyre, consolidou-se estruturalmente em 1953, representando, segundo a fala institucional de Joselice Jucá, “não apenas um ato isolado de um intelectual-político que, através de mais um ‘improviso histórico’, desejasse perpetuar a sua passagem pelo Parlamento Nacional”¹¹³.

Entretanto, não escapa de uma compreensão mais crítica de Freyre sua identificação como um idealizador, por vezes envolto em iniciativas de produção de domínios. Segundo Freston¹¹⁴, a associação de Freyre ao universo político asseguraria a concretização de seus interesses, muitos dos quais referentes a iniciativas no âmbito da cultura. Para tanto, preferiu um afastamento das representações da Esquerda Democrática, buscando a neutralidade de sua imagem e ao mesmo tempo a neutralidade de eventuais empecilhos aos seus investimentos.

O que, em sua trajetória, representaria o sentido de privado como “um sistema econômico, mas também um núcleo social e cultural, fazendo às vezes da igreja, do banco, da hospedagem, da fortaleza...”¹¹⁵, foi emprestado para alguns dos aspectos do que procurou determinar para a produção de conhecimento no âmbito do IJNPS. Representação da totalidade codificada pelo pensamento de Freyre, a instituição

¹¹¹ Ibid. p. 230.

¹¹² A instituição alterou de nome ao longo dos anos. Quando foi criada em 1949, denominava-se Instituto Joaquim Nabuco. Em 1963, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. A nomenclatura atual Fundação Joaquim Nabuco, é de 1981.

¹¹³ JUCÁ, J. **Fundação Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Ed. Massangana: Recife, 1991. p. 32.

¹¹⁴ FRESTON, P. **A carreira de Gilberto Freyre**. Série História das Ciências Sociais. n.3, São Paulo:IDESP, 1987. p. 51.

¹¹⁵ SCHWARCZ, L. M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. **Mal-estar na Cultura**. Rio Grande do Sul, abr/nov, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural>>. Acesso em: 05 de out. 2016. p. 19.

absorveu colaboradores com visão e convívio muito aproximados ao de seu idealizador, muitos dos quais influenciados pelos movimentos culturais ocorridos ainda na década de 1920, dos quais o próprio Freyre buscou associações para as proposições levantadas pelo que intitulou de Movimento Regionalista - razão de ser do próprio IJNPS¹¹⁶.

Uma leitura posterior de Freyre sobre o desenvolvimento do Movimento Regionalista elencou necessidades como a de reconsiderar valores regionais e tradicionais, articuladas por abordagens de caráter urbanístico, educacional, histórico, patrimonial e ecológico; de constituir resistências ao academicismo e ao separatismo; e, ainda, de reelaborar a ordem por meio do dever de instituir um “novo e flexível sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional”¹¹⁷.

Esse conjunto de aspectos traduziu-se também no modo como o IJNPS buscou estruturar suas investigações, em paralelo ao exercício da universidade, na tentativa de suprir a aparente necessidade de “encontrar meios acadêmicos (ou supra-acadêmicos) próprios para investigar o passado-presente-futuro das pessoas e da região”¹¹⁸. A concentração de sua representatividade enquanto centro de pesquisa e não de ensino, não inviabilizou o aproveitamento de estudantes universitários assumindo o papel de auxiliares de pesquisa, e uma aproximação de órgãos como o IBGE e o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)¹¹⁹, pela compatibilidade de estratégias, espelhadas na busca de respostas para questões regionais por meio do mecanismo científico.

Além disso, outros pontos de correspondência com a proposta regionalista refletiram-se na manutenção de abordagens multidisciplinares - o que possivelmente gerou a necessidade de criar departamentos de pesquisa no IJNPS, inicialmente definidos por disciplinas como Geografia Humana, Sociologia, Estatística, Ecologia Social, Economia, Antropologia; e na pretensão de interferir no meio social, constituindo “diretrizes para uma política científica orientadora dos rumos brasileiros”¹²⁰, o que seria viabilizado pela direta relação do órgão, desde a sua

¹¹⁶ LIMA, M. H. G. **Gilberto Freyre**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 2010. p. 52.

¹¹⁷ FREYRE, G. **Manifesto Regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. pp. 47-75.

¹¹⁸ LIMA, M. H. G. Op. cit. p. 52.

¹¹⁹ JUCÁ, J. **Fundação Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Ed. Massangana: Recife, 1991. p. 64.

¹²⁰ FONSECA, E. N. da. **Em torno de Gilberto Freyre – ensaios e conferências**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007. p. 309.

criação, com o Ministério da Educação e Saúde - posteriormente, Ministério da Educação e Cultura (MEC).

As ações desenvolvidas na primeira década da instituição envolveram questões em torno de sua estabilidade conceitual e estrutural. Jucá¹²¹ aponta a preparação de um programa científico-cultural sobre as áreas de cultura agrária, por meio de levantamento cartográfico, além da qualificação de pessoal para o exercício da pesquisa social, prática consolidada ao longo dos anos pelo órgão. A autora apresenta ainda o surgimento do interesse da UNESCO no estreitamento das relações culturais com o IJNPS¹²², a partir de iniciativas brasileiras.

Segundo Maio¹²³, o “projeto UNESCO” deteve o interesse de

cientistas sociais brasileiros e estrangeiros, [que] convictos da sociabilidade positiva existente no Brasil, em matéria racial, uma espécie de anti-Alemanha nazista, ofereceram à UNESCO o que era considerada a singular experiência cultural brasileira. Em contrapartida, estes mesmos cientistas sociais, envolvidos com o exame dos males que assolavam o país, haviam assumido, como desafio intelectual, a questão da incorporação de determinados segmentos sociais à modernidade. Eles estavam cientes de que certas demandas foram incluídas na pauta de discussões da agência internacional - como os temas da industrialização, educação e ciência - em regiões subdesenvolvidas.

Ambos os autores evidenciam a influência de Freyre no processo de inclusão do IJNPS no projeto. Contudo, Maio¹²⁴ assinala uma inclusão que se deu de forma tardia para o contexto pernambucano, em relação a outros estados do Nordeste, associando o atraso aos efeitos da imagem de Freyre. O fato justificaria a escolha do médico e antropólogo René Ribeiro como responsável pela investigação no IJNPS, representando a isenção da imagem de seu idealizador e, deste modo, neutralizando as recorrentes críticas sobre o caráter ensaístico de sua produção. A esse equilíbrio das condições de manutenção do rigor da investigação acadêmica, associada à figura de Ribeiro, soma-se a inclusão de pesquisadores como Thales de Azevedo, Costa Pinto, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Virgínia Bicudo, Roger Bastide e Charles Wagley no plano de pesquisa sobre as questões raciais brasileiras, produzido,

¹²¹ JUCÁ, J. Op. cit.p. 68.

¹²² Ibid. p. 68.

¹²³ MAIO, M. C. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o projeto UNESCO. **Tempo Social**. São Paulo USP: n 11, maio 1999. p. 111- 136. p.112.

¹²⁴ MAIO, M. C. p. 113.

segundo Jucá, a partir do IJNPS¹²⁵ - o que sugere uma contribuição para a determinação de certa diversidade dos perfis atuantes no IJNPS.

É atribuída ao período entre 1956 e 1970 uma significativa expansão do órgão, permitindo o desenvolvimento deste panorama de atuação, que segundo Jucá¹²⁶ e Freston¹²⁷, converge para a figura do jornalista Mauro Mota. Sua entrada reforça a necessidade da manutenção constante da influência de Freyre sobre a instituição, uma vez que Mota fora nomeado por sua proximidade ao presidente Juscelino Kubitschek.

Com a transformação da personalidade jurídica do órgão em Autarquia Federal, foi conferida nova autonomia financeira ao IJNPS, a partir de agosto de 1960, com a definitiva estruturação dos departamentos de pesquisa, por meio da aprovação do Regimento Interno, a partir do Decreto nº 50. 433 de abril de 1961; foram ainda objeto de cuidado as questões que envolveram a organização de sua estrutura física, conformando o ambiente adequado às práticas de pesquisa e produção cultural.

Deste último, considera-se o processo de ambientação da sede do IJNPS, uma “opulenta construção de 1887, remanescente da arquitetura do neoclássico pernambucano”¹²⁸ - que precisaria de mobiliário e paisagismo à altura. Esta necessidade configura as atividades de coleta de bens e restauro arquitetônico¹²⁹ por uma equipe composta, na década de 1950, pelo diretor Mauro Mota; o advogado, paisagista, artista e colecionador Abelardo Rodrigues; o delegado do então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Ayrton Costa Carvalho; e o engenheiro Telmo Maciel.

A formação desse patrimônio institucional desenvolveu-se através do contato com antiquários e coleta de doações ao IJNPS, rotina de trabalho que caracterizou as primeiras relações da instituição com um conjunto de referências culturais, consideradas um reflexo de sua identidade. Esta identidade vinha sendo potencialmente valorizada, desde a criação do IJNPS, pela necessidade de organização de um museu próprio para a instituição, ideia compartilhada por seus

¹²⁵ JUCÁ, J. Op. cit. p. 70.

¹²⁶ Ibid. p. 88.

¹²⁷ FRESTON, P. Um império na Província: o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. In: **História das Ciências Sociais no Brasil**. (Org.) Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Sumaré. 2001. p. 383.

¹²⁸ JUCÁ, J. **Fundação Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Ed. Massangana: Recife, 1991. p. 74.

¹²⁹ Ibid. p. 90.

membros¹³⁰ - e que apenas em 1959¹³¹ foi concretizada por um projeto incumbido a René Ribeiro.

O Museu de Antropologia, que, no ano seguinte, sob a mesma orientação, obteve uma “organização científica”¹³², foi ao longo dos anos dirigido por Adão Pinheiro, Valdemar Valente, Ana Maria Rodrigues e, posteriormente, pelo museólogo Aécio de Oliveira. Sua existência definiu as diretrizes iniciais do trabalho em museus no IJNPS, que se resumia a uma prática etnográfica de certa forma consagrada nessas instituições, desde o século XIX, quando passariam a representar também o ambiente de desenvolvimento da etnografia sobre os resultados da “curiosidade renascentista que havia marcado a exploração do Novo Mundo e do Oriente”¹³³. Ressalta-se, ainda, em ofício encaminhado ao Diretor Executivo Mauro Mota, em dezembro de 1966, a sugestão de um novo prédio para o funcionamento do Museu priorizando finalidades estéticas, científicas e educacionais, prevendo uma seção técnica de Museologia “encarregada do estudo das peças, que chegadas ao Museu seriam encaminhadas através da Coordenação [do Museu] a esta Seção, para ser feito o tombo, histórico, classificação, ficha, fotografia, restauração se necessário, passando então para o depósito”¹³⁴. Todos esses processos orientados por uma equipe composta por Conservador de Museu, Auxiliar de Museu, Datilógrafo e Servente.

Assim, a constituição das coleções, de acordo com Jucá¹³⁵, contou com a participação de René Ribeiro e Valdemar Valente e amealhou objetos representativos das culturas indígenas e afro-brasileiras, posteriormente complementados por coleções provenientes de inúmeras procedências, muitas delas doadas pelos pesquisadores do órgão, como o próprio Freyre. Consolidado estruturalmente a partir

¹³⁰ JUCÁ, J. Op. cit. p. 114.

¹³¹ Ofício nº 627/59 do Diretor do Instituto Joaquim Nabuco ao Dr. Abelardo Rodrigues, em 29 de outubro de 1959. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

¹³² INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Ofício nº 67/60 do Diretor do Instituto Joaquim Nabuco ao Prof. Dr. René Ribeiro, em 22 de fevereiro de 1960. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

¹³³ SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 68.

¹³⁴ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Construção do Museu**. Ofício da Coordenadora do Museu de Antropologia, Ana Maria Rodrigues, ao Diretor Executivo do IJNPS, 21 de dezembro de 1966. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

¹³⁵ JUCÁ, J. Op. cit. p. 114-116.

de 1961¹³⁶, com instalações planejadas pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi e pelo paisagista Abelardo Rodrigues, o Museu de Antropologia dispôs a função de Assistente de Museu, assumida por Aécio de Oliveira¹³⁷, que já contava com a experiência de chefia no Setor de Folclore da Fundação de Promoção Social¹³⁸ - instituição criada em 1960, em Pernambuco, pelo governo de Cid Sampaio, com o objetivo de ofertar “serviços de saúde, educação e cultura aos contextos populares”¹³⁹.

Somaram-se às coleções deste museu as referências materiais das habitações dos séculos XVIII e XIX, ex-votos, rótulos de cigarros, cerâmicas oriundas das cidades de Caruaru e Carpina, bem como acervo referente à manifestação cultural do Maracatu Elefante, que, após o falecimento de sua Rainha, Dona Santa, em 1962, foi doado à Prefeitura do Recife e transferido para o edifício do Movimento de Cultura Popular (MCP), onde ficaria até a criação do Museu Municipal. Processo inviabilizado pela deposição da direção do MCP, em função da intervenção do governo militar, permitindo a incorporação do acervo ao Museu de Antropologia, a partir de 1964. Uma questão intermediada pela participação dos funcionários do IJNPS, Fernando Freyre e Aécio de Oliveira, membros da nova Diretoria do MCP, designada pelo Governo do Estado de Pernambuco, instituído após a intervenção militar¹⁴⁰.

De modo geral, a ascensão do Regime Militar marca o acontecimento de maior impacto nas relações estabelecidas pelos governos locais partidários dos mesmos interesses. Na visão de Calabre, enquanto

por um lado, o Estado foi retomando o projeto de uma maior institucionalização do campo da produção artístico-cultural, de outro, o país passa a viver um período de repressão e censura que resultou no desmantelamento da grande maioria dos projetos culturais em curso. Durante a presidência de Castelo Branco (1964-1967), surgiu, nos quadros do governo, a discussão sobre a necessidade da elaboração efetiva de uma política nacional de cultura. Em meados de 1966, foi formada uma comissão para estudar a reformulação do Conselho Nacional de Cultura (criado em 1962) de maneira a dotá-lo

¹³⁶ CRUZ, H. V.; CASTRO, E. Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado. ASSIS, M. E. A.; SANTOS, T. V. (Org.) **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres** Recife: Massangana, 2016, p. 209, nota 50.

¹³⁷ MELO, A. C. Aécio de Oliveira. **BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 86, 1972. p. 26.

¹³⁸ Ibid. p. 26.

¹³⁹ SOUZA, K. F. B. O Rádio e as Práticas Educacionais em Recife na Década de Sessenta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, IX, 2007, Salvador. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0546-1.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. 2017. p. 7.

¹⁴⁰ CRUZ, H. V.; CASTRO, E. Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado. ASSIS, M. E. A.; SANTOS, T. V. (Org.) **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres** Recife: Massangana, 2016. p. 202-210.

de estrutura que o possibilitasse assumir o papel de elaborador de uma política cultural de alcance nacional.¹⁴¹

Gilberto Freyre, por sua vez, passaria a integrar o resultado dessa reformulação com o Conselho Federal de Cultura (CFC), surgido em 1967 pelo Decreto nº 60.237, e cujas atribuições compreendiam: a formulação da política cultural nacional; a articulação com os órgãos estaduais e municipais; o estímulo à criação de Conselhos Estaduais de Cultura; o reconhecimento de instituições culturais; a manutenção atualizada do registro das instituições culturais; a concessão de auxílios e subvenções; e a promoção de campanhas nacionais e intercâmbios internacionais, em conformidade com as expectativas do Estado. Freyre atuou integrando a Câmara de Ciências Humanas, novamente mantendo a produtiva representação - característica associada, como já visto, à dos intelectuais que assumem os locais de fala na mobilidade do jogo político. Assim, responsabilizou-se por absorver as demandas de institutos históricos e geográficos, arquivos públicos, museus de ciências e institutos de estudos brasileiros, que necessitavam de recursos para finalidades várias, desde publicações de estudos até a salvaguarda de coleções¹⁴². Por força destes movimentos, foi criado em Pernambuco também o Conselho Estadual de Cultura.

Envolto nessas questões, sua figura desprendia-se do IJNPS, que chegaria, ao final da década de 1960, a apresentar medidas que sugerem maior relevo sobre as ações relativas ao trabalho em museus - como a incorporação, ao trabalho de Assistente desempenhado por Aécio de Oliveira, de uma vaga para a função de auxiliar de assistente de museu¹⁴³, ocupada por Tereza Cristina Veras Souza até 1967¹⁴⁴. Mas, de modo geral, o andamento das atividades referentes à documentação e pesquisa voltadas para as coleções do Museu e demais coleções do Instituto contou com o auxílio de diversos prestadores de serviços ao longo da segunda metade da década de 1960, como o próprio Abelardo Rodrigues¹⁴⁵, além de Lycio Neves¹⁴⁶ e Marcos Vinícius de Athayde¹⁴⁷.

¹⁴¹ CALABRE, L. **Políticas culturais no Brasil**: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009. p. 63.

¹⁴² CALABRE, L. O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, 2006, p. 81-98. *passim*.

¹⁴³ **BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 20, 1965. p. 33.

¹⁴⁴ **Ibid.** Recife, n. 29, 1967. p. 5.

¹⁴⁵ **Ibid.** Recife, n. 20, 1965. p. 20.

¹⁴⁶ **Ibid.** Recife, n. 24, 1966. p. 20.

¹⁴⁷ **Ibid.** Recife, n. 28, 1966. p. 23.

O interesse pela especialização, entretanto, é apenas percebido pela figura de Aécio, ao prestar vestibular para o Curso de Museus, em 1967¹⁴⁸, naquele que era, até então, o único programa de formação disponível no país - implementado, como já visto, desde 1932, no âmbito do MHN. A oferta de bolsas pelo Curso de Museus para funcionários públicos, que, segundo Magaldi, durou até o ano de 1969¹⁴⁹, foi a oportunidade para a qualificação desse assistente, por vezes incumbido também da tarefa de formação da coleção particular de Gilberto Freyre¹⁵⁰, o que garantiu a noção de influência do escritor sobre suas ações, anos mais tarde.

Segundo Sá, a imagem de Aécio integra a de um grupo de profissionais que se destacaram pelo “pioneiro desempenho na organização de museus regionais e nacionais, bem como na consolidação da Museologia no Brasil”¹⁵¹. Seu ingresso no Curso de Museus, a partir de 1967, possibilitou o aprimoramento de atividades técnicas, tendo ele participado da produção das exposições “Isto é Nordeste”, “O Barroco Nordestino”, “A Gravura Nordestina”, em 1967, no Curso de Museus; “A Renda de Bilros”, “Artesanato do Brinquedo” e “Artes Menores de Israel”, em 1969, no Museu do Folclore; e “O Ocaso da Monarquia”, também em 1969, no MHN¹⁵². Somam-se a essas experiências os cursos ministrados pelo já agora museólogo Aécio de Oliveira: “Folclore Nordestino”¹⁵³, no Colégio Camilo Castelo Branco, Rio de Janeiro, em 1969; e “Curso de Técnicas Museológicas”¹⁵⁴, no Museu do Açúcar, vinculado ao Instituto do Açúcar e do Alcool, com o seu retorno ao Recife, em 1970.

¹⁴⁸ **BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 28, 1967. p. 25.

¹⁴⁹ MAGALDI, M. B. Formação do Museólogo: Curso de Museologia da UNIRIO. In: **Workshop ICOFOM LAM (ICOM): Pensamento Museológico Latinoamericano**. Rio de Janeiro. Pensamento Museológico Latinoamericano, 2008. p. 28.

¹⁵⁰ PONTES, N. D. M. T. **Um “mix de mixórdias”**: ensaio antropológico sobre o discurso expositivo do Museu do Homem do Nordeste. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. p.

¹⁵¹ SÁ, I. C. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN a UNIRIO. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, v.39, 2007. Rio de Janeiro: 2007. p. 28.

¹⁵² MELO, A. C. Aécio de Oliveira. **BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 86, 1972. p. 27.

¹⁵³ *Ibid.* p. 27.

¹⁵⁴ Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1970, em 29 de janeiro de 1971. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

FIGURA 01



Aécio de Oliveira no Curso de Museus do MHN, ao final da década de 1960.

Fonte: Acervo familiar.¹⁵⁵

FIGURA 02



Fachada do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ao final da década de 1960.

Fonte: Acervo Centro de Estudos da História Brasileira

¹⁵⁵ Registro extraído de CRUZ, H. V. Regulamentação da profissão de museólogo no Brasil um olhar a partir do Departamento de Museologia do IJNPS/Fundaj (1972-1985). Palestra apresentada no Seminário Profissionalização do Museólogo: 30 anos depois, Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE, em 9 de setembro de 2015.

O quadro de transformações locais, na ausência de Aécio, apresenta mudanças sobre ações relativas ao museu no IJNPS e outras, associadas às noções de museografia e museologia, no Museu do Açúcar. Ao IJNPS, incorpora-se um conjunto de coleções que caracterizava, de modo geral, a representatividade do Museu de Arte Popular (MAP)¹⁵⁶, criado em 1955, por iniciativa de Abelardo Rodrigues, "com o intuito de reunir, estudar e expor ao público peças de arte popular da região"¹⁵⁷. De acordo com Jucá, no período de sua instalação no Horto de Dois Irmãos, no Recife, fora objeto de interesse de Freyre defini-lo como uma instituição capaz de assumir o duplo objetivo de "instruir, e não apenas divertir"¹⁵⁸ seu público. Tal interesse pode ter determinado o processo de apropriação do MAP pelo IJNPS, reinaugurado em 1967, após assinatura de convênio entre o órgão e a Secretaria de Educação e Cultura¹⁵⁹. O aumento exponencial das coleções do IJNPS convergia com os novos desafios no plano da produção cultural, que serviram como justificativa para a promoção da maioria das ações do órgão ao longo de toda a década de 1970, como veremos mais adiante.

Ressalta-se a importância de um retorno estratégico para as ações do Museu do Açúcar, ainda durante a década de 1960, pela possibilidade de associações que apresentam, quando relacionadas ao desenvolvimento do trabalho em museus no âmbito do IJNPS. Como vimos, as aproximações do IJNPS de instituições como o Instituto do Açúcar e do Alcool foram uma condição estabelecida desde seus primeiros anos de desenvolvimento.

Criado em 1933, o IAA serviu aos mesmos fins de promover o discurso institucional do governo estadonovista. Neste sentido, a instituição foi capaz de determinar bases para o aumento da produção alcooleira nacional, através do financiamento de destilarias anexas às usinas de açúcar¹⁶⁰. O Museu do Açúcar, por sua vez, surge a partir do início da década de 1960, idealizado pelo advogado e historiador Gil de Methódio Maranhão, que durante muito tempo desenvolveu produção histórica sobre o contexto de desenvolvimento da região açucareira na

¹⁵⁶ Ficha de Inscrição do Museu de Arte Popular preenchida pelo museólogo Antônio de Oliveira Rios para o Cadastro dos Museus do Brasil, Coordenação Nacional de Museus, MEC/DAC/IJNPS, em 16 de fevereiro de 1978. Pasta 286/Fichas Museológicas.

¹⁵⁷ CRUZ, H. V.; CASTRO, E. Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado. ASSIS, M. E. A.; SANTOS, T. V. (Org.) **Memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres Recife: Massangana, 2016, p. 216, nota 72.

¹⁵⁸ JUCÁ, J. **Fundação Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Ed. Massangana: Recife, 1991. p. 117.

¹⁵⁹ **BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 28, 1967. p. 40.

¹⁶⁰ ABREU, M. P. **A ordem do progresso**: cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 87.

Região Nordeste e também sobre a constituição do patrimônio industrial - como em “A origem dos cilindros na moagem da cana”¹⁶¹.

Em 1961¹⁶², o resultado de pesquisas realizadas no interior de Pernambuco com o auxílio do professor universitário Evandro Rabello indicou um panorama da genealogia familiar constituinte da tradição dos engenhos de açúcar, da qual se originou a própria família Rabello, gerando assim a possibilidade de interesse da associação do professor ao processo de constituição do Museu. Este foi provisoriamente instalado no edifício Pirapama, no bairro da Boa Vista, sendo transferido, em 1963, para uma sede própria na divisão do IAA em Pernambuco, no bairro de Casa Forte¹⁶³, precisamente ao lado do então Instituto Joaquim Nabuco, como esclarece a museóloga Regina Batista¹⁶⁴.

Com um total de 542 objetos, a coleção inicial, representativa de uma materialidade ligada à “vida canavieira”¹⁶⁵, foi trabalhada sob o foco do caráter educativo do museu. Essa determinação acontece, inicialmente, através da Assessoria Educacional¹⁶⁶, coordenada por Marlene Munis Passos, e realizada por meio de circuitos de palestras, organizadas com o apoio do pedagogo Paulo Freire, à frente do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Outra atividade permanente foi a realização de concursos culturais, voltados para a produção de narrativas envolvendo a função da instituição e sua temática central.

A Seção de Museologia, sob a responsabilidade de Virgínia Ribeiro Barros e Silva, assume o controle das atividades técnicas e administrativas¹⁶⁷ a partir de 1964, indicando a continuidade da valorização do enfoque pedagógico. Não se pode precisar se a inexistência de razões para a definição de um “peso padrão” que permitisse à Museologia equivaler-se em relação à pedagogia, nesse contexto, teve relação com o fato da formação do corpo técnico não se definir através do ensino formal orientado no

¹⁶¹ MARANHÃO, G. **A origem dos cilindros na moagem da cana**: investigação em Palermo. Rio de Janeiro:IAA, 1955. p. 10-11.

¹⁶² Resultado das pesquisas desenvolvidas no interior do estado pelo Museu do Açúcar, em 18 de novembro de 1960. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁶³ Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1963, 1964. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁶⁴ BATISTA, R. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistadora: Manoela Lima. Recife, 2016. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

¹⁶⁵ Relatório da Seção de Museologia do Museu do Açúcar Ano: 1964, 1965. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁶⁶ Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1963, 1964. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁶⁷ Relatório da Seção de Museologia do Museu do Açúcar Ano: 1964, 1965. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

âmbito do Curso de Museus, como já visto. A identificação da noção de influência sobre o processo de institucionalização da Museologia em Pernambuco, por meio da questão que envolve a reciprocidade de aspectos comuns, determina-se pelo caráter comum que revestia a Museologia de modo geral, à época, voltada para o conjunto de questões relativas à produção e descrição dos museus e suas coleções, definição, por essência do próprio modelo clássico - amplamente difundida desde o século XVIII e associada à museografia¹⁶⁸.

Neste sentido, em reforço à essa ideia sedimentada sobre os aspectos técnicos dos museus, a oferta de cursos de formação complementar em temas como técnica de museus, arquitetura de museus, colecionismo e Museologia, oferecidos pelo Museu do Açúcar a partir de 1967¹⁶⁹, pode indicar a necessidade de ampliação dos conhecimentos do corpo técnico do Museu, em benefício não só do público interessado - profissionais de museus, em sua maioria - como também da própria equipe, que, segundo Regina Batista¹⁷⁰, dispunha de formação complementar: Virgínia Ribeiro, através de cursos de formação de curta duração em museologia, realizados no Sul do país; e Luís Fontoura, como arquiteto, na posteriormente definida função de “museógrafo”.

No que se refere à constituição dos referidos cursos, encontramos, na orientação geral dos programas do chamado “Curso de Museus”, em 1967, a orientação da disciplina “Arquitetura”¹⁷¹ - ministrada por Ivan de Aquino Fonseca e definida pelo que Silva¹⁷² caracteriza como uma visão moderna da constituição dos interiores, consolidada no início do século XX por uma estética amplamente difundida pela Bauhaus. Já em “Técnica de Museus Gerais”, Lygia Estevão de Oliveira, curadora da coleção de objetos etnográficos do antropólogo Carlos Estevão, vinculada ao Museu do Estado de Pernambuco, desenvolveu os subtemas Documentação, Museu, Funcionamento e Público, utilizando associações com a produção de Paul Otlet.

¹⁶⁸ AQUILINA, J. D. **The Babelian Tale of museology and museography**: a history in words. *International Scientific Electronic Journal*, n. 6, 2011. p. 51-53.

¹⁶⁹ Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1967, 1968. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁷⁰ BATISTA, R. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistadora: Manoela Lima. Recife, 2016. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

¹⁷¹ FONSECA, I. A. *Arquitetura, Curso de Museus*, Museu do Açúcar, em 12 de julho de 1967. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais

¹⁷² SILVA, E. **Matéria, ideia e forma**: uma definição de arquitetura. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1994. p. 48.

Em função da “ampla aceitação”¹⁷³ dos cursos oferecidos no ano de 1967, a oferta no ano de 1968 marca a intersecção entre os conhecimentos oriundos do conjunto de saberes que permeou a formação do corpo técnico do Museu do Açúcar e o conhecimento oriundo do contexto formal do ensino de Museologia. Esta inter-relação é possível de ser identificada a partir do convite feito a Marília Duarte Nunes, museóloga formada pelo Curso de Museus em 1962¹⁷⁴ e vinculada, no período, ao Museu do Índio, para ministrar o curso “Introdução à Técnica de Museus”, oferecido para o público específico de pós-graduados, universitários e técnicos de museus. A estrutura deste curso desenvolvia-se como segue:

TABELA 1: Programa do Curso “Introdução à Técnica de Museus”, 1968

| EIXO CENTRAL | DISCIPLINAS |
|---|--|
| Definição e conceituação de Museu | Museologia e Museografia Classificação dos Museus Papel moderno dos Museus |
| Administração de Museus | Organização geral Pessoal Serviços |
| As Coleções: princípios gerais de organização | Categorias Numeração Inventário Fichários |
| A Exposição: Programação | Tipos Princípios gerais de apresentação de objetos |
| Vitrines: Função econômica e Estética | Tipos Iluminação Etiquetas e Legendas |
| Museus e a Educação | |

Fonte: Museu do Açúcar (1969), Arquivo Histórico do Museu do Homem do Nordeste.

De modo geral, este programa confere maior complexidade ao que foi instruído anteriormente. Ao que se pode considerar, diante das referências encontradas, diz respeito à representatividade do Museu do Açúcar como o primeiro ambiente de circulação das questões conceituais da Museologia no primeiro momento de uma formação no campo, em Pernambuco. O que se soma como um novo momento para a

¹⁷³ Relatório da Seção de Museologia do Museu do Açúcar Ano: 1968, 1969. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

¹⁷⁴ SÁ, I. C.; SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus** – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Unirio, Escola de Museologia, 2007. p. 24.

Museologia nesse contexto diz respeito ao surgimento do Departamento de Museologia no IJNPS, a partir de 1970.

Tais acontecimentos são capazes de indicar não apenas um importante precedente para o que se encontra atualmente sobre o desenvolvimento da Museologia no Nordeste e, em especial, em Pernambuco, mas permite considerar que a espontaneidade do surgimento das práticas ditas 'museológicas' pode indicar uma tipificação dos usos do termo *museologia*, em suas definições mais ou menos genéricas, de forma não inteiramente associada à figura do especialista. Isto se apresenta como uma possibilidade real e amplamente naturalizada no contexto contemporâneo do campo, em Pernambuco.

Faz-se necessário evidenciar o que constituiu esse momento da institucionalização da Museologia no âmbito de uma instituição que, pelo que tomou emprestado como característica do IJNPS e suas interrelações institucionais, no desenvolvimento de iniciativas pioneiras de formação e projeção da Museologia enquanto domínio específico, na Região Nordeste e Norte do país.

CAPÍTULO 3

**UM DEPARTAMENTO NA ESTRUTURA
DA PESQUISA CIENTÍFICA:
RESULTADOS POLÍTICOS OU CIENTÍFICOS?**

CAPÍTULO 03 – Um Departamento de Museologia na estrutura da pesquisa científica: perfis profissionais e contextos discursivos

O grande homem sente seu poder sobre um povo, sua coincidência temporal com um povo ou com um século: esse aumento no sentimento de si mesmo como causa e voluntas é mal compreendido como “altruísmo” – isso o impele para algum meio de comunicação: todos os grandes homens são engenhosos em tais meios.

Querem conformar-se no interior de grandes comunidades; querem dar Uma Forma ao que é variegado e desordenado.

Ver o caos irrita-os e incita-os.¹⁷⁵

Para a história institucional do IJNPS, a gestão de Fernando de Melo Freyre é marcada pelo desejo de prosseguir com as mudanças estruturais no sentido de, mais uma vez, promover a mudança da personalidade jurídica e autonomia financeira da instituição¹⁷⁶. Neste sentido, compreende-se que, estrategicamente, diversas relações deveriam ser consideradas ou lapidadas; e também ações realizadas de acordo com a sinalização de uma nova capacidade de intervenção da instituição na sociedade.

Do ponto de vista das relações, a dimensão dos aspectos compatíveis com a opinião pública constituiu “o apoio e o incentivo necessários das lideranças políticas das Regiões Norte e Nordeste”¹⁷⁷, o que reflete o poder de influência da imagem consolidada do pai de Fernando Freyre, Gilberto Freyre, associada à iniciativa. Movimentação diferente daquela já abordada no período de consolidação do IJNPS, frente às relações com a comunidade científica e suas instituições. Assim, uma ideia “acatada”¹⁷⁸, como um dever que, por vezes, representa “a expressão de *hierarquias* localmente delimitadas”¹⁷⁹, constituiu a proposta de modificação do Instituto para Fundação, a partir da formação de um novo quadro administrativo, consolidado em 1971.

¹⁷⁵ NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 472-473.

¹⁷⁶ JUCÁ, J. **Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Massangana, 1991. p. 127.

¹⁷⁷ Ibid. p. 127.

¹⁷⁸ Ibid. p. 128.

¹⁷⁹ NIETZSCHE, F. Op. cit. p. 473. Grifo do autor.

A agilidade das mudanças evidencia-se por meio da aprovação de alterações no Regimento Interno do Instituto, com a Portaria nº 310/74 do MEC, um mês após a nomeação do novo diretor executivo. Um dos resultados das alterações foi o surgimento de um Departamento de Museologia, subordinado à Diretoria Executiva, com as seguintes atribuições:

- I – coligir, ordenar, pesquisar, classificar, conservar, guardar, e divulgar o acervo museológico do IJNPS, bem como objetos fruto da doação ao mesmo Instituto;
- II – promover exposições periódicas e eventuais, dentro do IJNPS ou fora dele, ressalva, na segunda hipótese, a necessidade de autorização expressa, prévia e por escrito, do Diretor Executivo;
- III – encaminhar ao Diretor Executivo, devidamente informadas, propostas de aquisição de material considerado de utilidade ao acervo do Departamento;
- IV – prestar serviço de Assessorias Técnicas a organismos regionais detentores de acervo museológico mediante assinatura de termos de ajuste, do convênio ou de contratos entre os referidos órgãos e o IJNPS;
- V – coletar material necessário aos estudos dos demais Departamentos.¹⁸⁰

A localização horizontal dos demais departamentos de pesquisa social inseriu o Departamento de Museologia em um processo de legitimação disciplinar a partir do que se acredita ter resultado muito mais das características de formação de um terreno salutar e de direito dos pesquisadores, produtores da razão de ser da instituição, do que do próprio desenvolvimento do processo de institucionalização da Museologia brasileira, no âmbito do IJNPS. Isto porque o que se observa das atribuições dos demais Departamentos oferece uma noção da dimensão metodológica abrangente que poderiam desenvolver. No caso do Departamento de Museologia, refletiu muito mais a sistematização de um trabalho que se desenvolvia desde a década de 1950, por meio de perfis diversos de atores, determinando uma situação social próspera. Isto permitiu a constituição de um ambiente favorável ao desenvolvimento dos procedimentos de natureza técnica, justificando

a divisão do trabalho [...] abrindo caminho para inovações que exigem um nível mais alto de atenção. A divisão do trabalho e as inovações conduzirão a formação de novos hábitos, maior expansão do terreno comum. [...]. Em outras palavras, um mundo social estará em

¹⁸⁰ Regimento Interno do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. In: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **30 anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Ed. Massangana: Recife, 1981. p. 152-153.

processo de construção, contendo nele as raízes de uma ordem institucional em expansão.¹⁸¹

Mas qual seria o ordenamento mais efetivamente influente sobre esse novo Departamento? Certamente, uma ordem de natureza interna seria a resposta, sintonizada com um pragmatismo potencialmente distinto de uma certa ordem tecnológica instituída no interior dos critérios disciplinares, permitindo a determinação do que se apresenta, tecnicamente, como o que se pode fazer e, portanto, o possível; e o que não se pode fazer (o impossível) - e, do mesmo modo, cientificamente, o que se pode considerar (o possivelmente verdadeiro) e o que não se pode considerar (o possivelmente falso)¹⁸².

Tal ordenamento de natureza científica poderia, então, sinalizar, para a institucionalização da Museologia, significativos ganhos conceituais e principalmente metodológicos, a partir do IJNPS, com o evidente estreitamento ao referencial da educação formal, ao longo dos anos, percebido como uma característica comum nos perfis profissionais de todos os funcionários efetivados no Departamento. Esta situação é expressa na Tabela 2:

TABELA 2: MUSEÓLOGOS VINCULADOS AO IJNPS

| NOME | LOCAL DE FORMAÇÃO | PERÍODO VINCULADO AO IJNPS |
|-------------------------------------|-------------------|----------------------------|
| AÉCIO DE OLIVEIRA | RIO DE JANEIRO | 1964-1992 |
| MARLUCE CÂMARA AZEVEDO | RIO DE JANEIRO | 1971-1973 |
| CLÁUDIA M. SPNELLI | RIO DE JANEIRO | 1973 |
| MARIA REGINA M. B. E SILVA | RIO DE JANEIRO | 1974-1997 |
| FERNANDO A. D. PONCE DE LEON | RIO DE JANEIRO | 1975-2010 |
| ANTÔNIO OLIVEIRA RIOS | BAHIA | 1975-1979 |
| OSWALDO GOUVEIA RIBEIRO | BAHIA | 1978-1979 |

Fonte: CRUZ, H. V. Regulamentação da profissão de museólogo no Brasil um olhar a partir do Departamento de Museologia do IJNPS/Fundaj (1972-1985). Palestra apresentada no Seminário Profissionalização do Museólogo: 30 anos depois, Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE, em 9 de setembro de 2015.

¹⁸¹ BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 127.

¹⁸² COMTE-SPONVILLE, A. **O capitalismo é moral?**: sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 51.

No entanto, apesar da presença predominante desses especialistas, Regina Batista indica a influência de uma força disciplinar sobre o Departamento e sobre sua própria perspectiva, produzida pelos representantes da Antropologia na instituição,

onde você tinha um Gilberto Freyre, um Valdemar Valente, um Sílvio Rabello e uma conjuntura intelectual bastante influente e consolidada no estado. [...] era a Museologia mais da Antropologia do que qualquer outra coisa. Do que a vertente mais histórica, mais voltada para uma questão técnica da conservação, da organização. Então foi a reinvenção de tudo, praticamente. Eu comecei a repensar, de fato, os rumos da Museologia, a partir da Fundação Joaquim Nabuco e da necessidade de conhecer a cultura, a etnografia, a etnologia, a antropologia do Nordeste.¹⁸³

A possibilidade de repensar a Museologia sob o efeito da Antropologia pode sugerir encontros teóricos férteis, como o de Canclini¹⁸⁴ - sobre o necessário desprendimento da associação às categorias convencionais que envolvem o patrimônio e, por consequência, como já evidenciado, suas instâncias de articulação. Segundo o autor, o interesse seria o da integração do patrimônio a redes conceituais constituídas por elementos como turismo, desenvolvimento urbano, mercantilização e comunicação em massa. Isto indicaria possibilidades mais abrangentes para a Museologia, atuando de fato em conformidade com as expectativas de Scheiner, de uma ação museológica capaz de evidenciar a imagem dos grupos sociais como “elementos mediadores do câmbio social, especialmente no que se refere aos patrimônios locais”¹⁸⁵; condição esta almejada e trabalhada de modo efetivo e consciente apenas no tempo presente, através de investimentos teóricos interdisciplinares.

A partir de 1972, o Departamento dividiu-se internamente pelo Serviço de Museografia e Pesquisa Museológica e por uma Coordenação de Museus¹⁸⁶. Aécio de Oliveira, pelo legado da experiência e envolvimento mais aproximados às figuras de Freyre e Mello Freyre, obteve relevo, assumindo por muitos anos a coordenação geral

¹⁸³ BATISTA, R. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistadora: Manoela Lima. Recife, 2016. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

¹⁸⁴ CANCLINI, N. G. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: CRIADO, E. A. **Patrimonio Etnológico. Nuevas perspectivas de estudio**. Consejería de Cultura. Junta de Andalucía. 1999. p. 16.

¹⁸⁵ SCHEINER, T. Patrimônio Museologia e Sociedades em transformação: reflexões sobre o museu inclusivo. Conferência magistral. In: **O pensamento museológico contemporâneo**. II Seminário Investigação em Museologia dos países de língua portuguesa e espanhola. Buenos Aires: ICOFOM, 2011. p. 37.

¹⁸⁶ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Organograma institucional do IJNPS. **Relatório Anual de Atividades de 1972**. IJNPS, 1973.

do Departamento. Em sua visão a noção de influência de Freyre era evidente, ao afirmar:

enquanto eu estava no Rio, eu vi uma exposição de Lina Bo Bardi que era a mais bela que já vi, era “A mão do povo brasileiro”. Todo o museu de São Paulo transformou-se, com arte popular do Brasil inteiro, numa feira. E aquilo me encantou, todo dia eu ia [...] eu apliquei muita coisa dali quando voltei pro museu. Minha cabeça era Lina. Era Lina e Gilberto Freyre”.¹⁸⁷

A equipe do Departamento passa a contar com a museóloga Marluce Câmara Azevedo, assumindo sua direção até 1973 em função da saída de Aécio para ocupação do cargo de diretor do MEPE¹⁸⁸; e com Cláudia Mastrangelo Spnelli, formada na seção de Museus Artísticos pela turma de 1972 do Curso de Museus¹⁸⁹. A partir de 1974, marca-se a chegada de Maria Regina Batista e Silva, diplomada naquele mesmo ano pela seção de Museus Artísticos no Curso de Museus¹⁹⁰. Sobre seu ingresso no IJNPS, a museóloga revela o encontro com uma instituição onde o diálogo e a participação de todos eram condições essenciais, muito diferente da Museologia que via no Rio de Janeiro durante sua formação - dado o momento político de pleno estabelecimento do “caos”¹⁹¹ originado pelo regime de exceção, comprometendo as possibilidades de discursos críticos sobre a realidade, dentre os quais o que se poderia produzir a partir da Museologia.

No âmbito da Divisão de Museografia, Regina Batista promoveu a elaboração e descrição das atribuições do núcleo da seguinte forma:

a Divisão elabora uma pauta anual de atividades, planeja as exposições e executa através da montagem. A Museografia tem a responsabilidade de levar para o público aquilo que o Museu tem em suas reservas, em seus depósitos, aquilo que nós pesquisamos como assunto de museologia e, logicamente, uma programação cultural mais ampla, toda manifestação artística nacional e regional¹⁹².

¹⁸⁷ PONTES, N. D. M. T. **Um “mix de mixórdias”**: ensaio antropológico sobre o discurso expositivo do Museu do Homem do Nordeste. 2012. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. p. 76.

¹⁸⁸ MELO, A. C. Quem é quem? Aécio de Oliveira. **Boletim Interno do IJNPS**, Recife, n. 86, p. 23-28, out. 1972. p. 56.

¹⁸⁹ SÁ, I. C. de; SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Unirio, Escola de Museologia, 2007. p. 207.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 211.

¹⁹¹ BATISTA, R. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistadora: Manoela Lima. Recife, 2016. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

¹⁹² JUCÁ, J. **Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Massangana, 1991. p. 145.

O que se encontrava disponível no período em que integra a equipe, do ponto de vista das coleções e dos discursos em torno dessas, produzidos pelo Departamento, é relatado por Regina como um conjunto etnográfico no qual predominavam as referências encontradas em Pernambuco, em virtude das coletas para a constituição do Museu de Antropologia, entre as décadas de 1960 e 1970. Isto se traduziu na constituição histórica das coleções pelos antropólogos responsáveis – produção esta que, segundo Regina, servia como orientação para o trabalho dos museólogos, apesar de entender que se constituiria ali “uma ideia de Nordeste muito restrita”, comprometendo, assim, “um olhar sobre as questões mais regionais”.

Fernando Antônio Dantas Ponce de Leon integrou a equipe a partir de 1975, último ingressante proveniente do Curso de Museus, onde graduou-se pela seção de Museus Artísticos. Possuía experiência de estágio no próprio IJNPS, entre 1973 e 1975. Contribuiu com a construção de Programas de Ensino para Profissionais de Museus oferecidos pelo Departamento nas Regiões Norte e Nordeste, dos quais também participaram os museólogos Antônio Rios e Oswaldo Gouveia, que integraram a equipe nos últimos anos do nosso recorte.

A respeito do formato que possuíam esses cursos de formação, os programas de ensino apresentavam as seguintes características centrais:

I - CURSO DE PREPARAÇÃO E TREINAMENTO DE PESSOAL DE MUSEU – Manaus (1976)¹⁹³

Autoria: atribuída ao museólogo Aécio de Oliveira¹⁹⁴ (ministrante)

Objetivo: Realizado no Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas (IHGA), buscou consolidar os interesses da Política Nacional de Cultura (PNC), que buscou a valorização dos museus – nacionais, regionais, locais e especializados – buscou reunir as características mais expressivas da cultura brasileira; do ponto de vista dos objetivos específicos, buscou, de modo específico, atuar na “capacitação do pessoal dos museus sediados na área de atuação do IJNPS, no sentido de que tome consciência do valor e importância do acervo sob sua

¹⁹³ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museus**. Departamento de Museologia, 1976.

¹⁹⁴ Ofício nº 1987 do Diretor do DAC, Manuel Diégues Jr. ao Diretor Executivo do IJNPS, Fernando Freyre, em outubro de 1976. Arquivo Nacional, Fundo Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura (U2), Notação 8406.

responsabilidade, principalmente, instruí-lo quanto às formas de ação como este acervo deve ser adequadamente utilizado a serviço do homem e da comunidade”.

Currículo: História dos Museus; História dos Museus Brasileiros; Instituições de Caráter Museológico; Sistema de Museus Brasileiros; Arquitetura de Museus: Espaço Museológico, circulação, iluminação; Objeto Museológico: tombamento, Registro, Inventário, Classificação, Numeração; Depósito: localização, conservação; Modos de Aquisição: compra, doação, permuta, empréstimo; Exposição; Museu e Público; Museu e Escola; Museu e Turismo; Administração de Museus; Transporte e Acervo: embalagem.

Carga horária total: 242 horas

II - CURSO DE PREPARAÇÃO E TREINAMENTO DE PESSOAL DE MUSEU

(1977)¹⁹⁵

Autoria: não identificada.

Objetivo: contém as mesmas definições do projeto anterior.

Currículo:

| CÓDIGO | DISCIPLINAS | CARGA HORÁRIA | CRÉDITOS |
|------------------------|-----------------------------|---------------|----------|
| JN-300 | Conhecimentos Gerais | 35 | 2 |
| JN-310 | Artes Menores | 20 | 2 |
| JN-320 | História do Brasil | 20 | 2 |
| JN-330 | História da Arte | 15 | 2 |
| JN-340 | História da Arte Brasileira | 20 | 3 |
| JN-350 | Museologia | 25 | 3 |
| JN-360 | Museografia | 25 | 3 |
| TOTAL DE HORAS: | | 160 | |

Ementas:

MUSEOLOGIA – História dos Museus. História dos Museus Brasileiros. Pesquisas Museológicas. Museu e Escola. Museu e Turismo. Museu e Público. Administração dos Museus. Museus Integrados.

¹⁹⁵ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museus**. Departamento de Museologia, 1977.

MUSEOGRAFIA – Localização. Arquitetura. Coleções. Fichas. Depósitos. Vitrines. Painéis. Etiquetas. Catálogo. Conservação. Restauração. Segurança.

III - CURSO DE PREPARAÇÃO E TREINAMENTO DE PESSOAL DE MUSEU (1978)¹⁹⁶

Autoria: Antônio Rios

Índice:

I – Programa

II – Museus, Museologia, Museografia (ver detalhamento a seguir)

III – Os Edifícios de Museus

Edifícios adaptados; Espaço interno; Áreas de serviço; Áreas íntimas; Áreas de público; Áreas de lazer; Espaço externo; Localização; Partido arquitetônico; Áreas verdes

IV – Documentação

VI – As exposições de Museu

Exposição; Tipos; Projeto museológico; Projeto museográfico;

II – Museus, Museologia e Museografia

Trata de um breve histórico sobre a história dos museus e a constituição dos termos Museu, Museologia e Museografia. Apresenta referência a Samuel Quiccheberg e sua obra *Inscriptiones Vel Tituli Theatri Amplissimi...* (Inscrições ou Títulos de um Imenso Teatro...), de 1565, e a Caspar Neickel e sua obra *Museographia oder Anleitung zum rechten Begriff und nützlicher Anlegung der Museorum oder Raritäten Kammern* (Museografia ou Instruções para melhor Compreender e Organizar utilmente os Museus ou Gabinetes de Raridades) de 1727. Apresenta o contexto de desenvolvimento da Museologia no âmbito do ICOM.

Estas sínteses evidenciam, em muito, a natureza evolutiva da construção do perfil de formação de profissionais; e, embora não expressem a natureza das fontes consultadas, com exceção das mencionadas pelo projeto de 1978, caracterizam um modelo em certa medida padronizado e em consonância com os que correspondem à

¹⁹⁶ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museu**. Departamento de Museologia, 1978.

matriz curricular do Curso de Museus, principalmente entre 1945 e 1966¹⁹⁷. Acerca do projeto de autoria atribuída a Aécio de Oliveira, evidencia-se o interesse pela dimensão política, sob a qual o Departamento de Museologia se inseria após a realização do Encontro Nacional de Dirigentes de Museus, realizado no IJNPS, em 1975. A realização do Encontro sugere a possível fase de amadurecimento do Departamento e da própria relação do IJNPS com as instâncias governamentais, pelos interesses políticos que foi capaz de articular e pelos efeitos que pretendeu consolidar no cenário das políticas públicas culturais no Brasil.

3.1 O Encontro Nacional de Dirigentes de Museus: confluências intelectuais e indícios de autonomia de pensamento

Realizado na sede do IJNPS, no Recife, o encontro integrou um significativo número de gestores e profissionais de museus oriundos de todo o país, como foi o caso de Ulpiano Bezerra de Meneses, Gerardo Brito Raposo da Câmara (Museu Histórico Nacional e Organização Nacional do ICOM - ONICOM) e Aloísio Magalhães (Centro Nacional de Referência Cultural). Contou, ainda, com a presença do sociólogo Manuel Diégues Jr., Diretor Geral do Departamento de Assuntos Culturais (DAC), órgão ao qual o IJNPS estivera subordinado, desde 1970, durante a gestão do ministro Jarbas Passarinho no MEC¹⁹⁸, marcada pela estruturação do Programa de Ação Cultural (PAC), cercada por críticas do Conselho Federal de Cultura, do qual fazia parte Manuel Diégues. Na perspectiva de Miceli, o PAC representou “uma abertura de crédito financeiro e político a algumas áreas da produção cultural até então praticamente desassistidas pelos demais órgãos oficiais”¹⁹⁹.

Diégues Jr., posteriormente convidado a elaborar um Anteprojeto de reformulação do PAC para a, então, Política Nacional de Cultura (PNC), retomou a reivindicação de uma política capaz de apresentar a cultura em seu devido potencial, composta também pelas “ciências físicas, naturais e sociais, o patrimônio florestal, as

¹⁹⁷ SÁ, I. ECHTERNACHT, A. L. I. **Escola de Museologia**: leis, decretos, pareceres, resoluções, portarias, ofícios, estatutos, regimentos e outros. Década de 1960 (1961-1966). Rio de Janeiro: Escola de Museologia, 2010-11.

¹⁹⁸ CALABRE, L. **Políticas culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 77.

¹⁹⁹ MICELI, S. **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984. p.55.

técnicas, o patrimônio humano representado pelas populações primitivas, etc”²⁰⁰. Tal aproveitamento evidencia o modo como a construção de imagens sobrepostas à outras imagens vigentes, dependente da conformação de lugares para a sua aplicação, constituindo mais um momento de medida estratégica em torno do desenvolvimento das políticas culturais.

Da mesma forma estratégica, coadunando-se com as diretrizes do ainda PAC, o Departamento de Museologia desenvolveu o referido Encontro, que culminou na posterior elaboração da publicação *Subsídios para Implantação de uma Política Museológica Brasileira*, em 1976. O documento sintetiza as discussões ocorridas pelos grupos temáticos propostos para o Encontro e a indicação dos aspectos norteadores de políticas públicas específicas para os museus brasileiros.

Subsídios aponta os pontos de contato entre as expectativas do IJNPS e os objetivos orientadores do PAC, em primeiro lugar, assegurando o desenvolvimento da pesquisa social; e, em segundo, representando a valorização dos museus nacionais, regionais, locais e especializados²⁰¹. No entanto, uma contradição reside no fato do potencial autônomo que se inscreve como objetivo geral para o desenvolvimento de uma política cultural para o setor dos museus, na medida em que se propôs “apojar e incentivar as iniciativas culturais de indivíduos e grupos e de zelar pelo patrimônio cultural da Nação, sem intervenção do Estado, para dirigir a cultura”²⁰², em um período marcado a suspensão das liberdades democráticas.

A classe intelectual que partilhou desse potencial autônomo concentrado pelo Encontro buscou o desenvolvimento discussões entre o Museu e aspectos como cultura nacional, pesquisa, educação, preservação do Patrimônio Cultural e formação profissional. Diante disso, indicando sentidos específicos originados e administrados pelo contexto museal, foram compostos 7 grandes Grupos de Trabalho, então divididos:

GT 01 - Organização Administrativa e Técnica, sob a coordenação de Arnaldo Machado, Diretor do Museu de Numismática da Casa da Moeda do Brasil

²⁰⁰ CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. **Anteprojeto para o Plano Nacional de Cultura**. 1970. p. 1. Arquivo Nacional, Fundo Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura (U2), Notação 8461.

²⁰¹ *Ibid.* p. 4.

²⁰² INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Subsídios para Implantação de uma Política Museológica Brasileira**. Recife, 1976. p. 5.

GT 02 - Capacitação Financeira, sob a coordenação de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, Diretor do Museu de Valores do Banco Central do Brasil

GT 03 - Capacitação Profissional, sob a coordenação de Gerardo Britto Raposo da Câmara, Diretor do Museu Histórico Nacional

GT 04 – Pesquisa, sob a coordenação de Solon Leontsinis, Vice-Diretor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

GT 05 – Educação, sob a coordenação de Lourenço Luiz Lacombe, Diretor do Museu Imperial

GT 06 - Preservação do Patrimônio Cultural, sob a coordenação de Carlos Eduardo Rocha, Diretor do Museu do Estado da Bahia

GT 07 - Relação com o Meio, sob a coordenação de Ulpiano T. Cardoso Bezerra de Meneses, Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Uma expressão geral do documento final pode indicar a necessidade de atribuição de sentidos globais sobre os resultados obtidos pelas referidas temáticas, principalmente, no que se considerou como incremento à definição do museu consolidada pelos Estatutos do ICOM em 1974²⁰³:

Esta conceituação, que se estende a instituições que lhe são assemelhadas, amplia a significação do Museu como instituição basilar asseguradora da conservação da memória nacional, pela sua função de centro de pesquisa, educação e difusão cultural (GT 03 -)

Os Museus, como órgãos de documentação dedicados a determinados aspectos da cultura, da Ciência e da Pesquisa, têm por finalidade o dever de acompanhar o desenvolvimento nacional, no sentido de valorizar o trabalho humano (GT 02)

O crescimento populacional brasileiro (107 milhões de habitantes no ano de 1975), com sua urbanização também crescente (59,81%), trará, cada vez mais, uma responsabilidade maior para os museus; a previsão de 123 milhões de habitantes em 1980, aliada à ascensão cultural que felizmente vem ocorrendo, implica no reaparelhamento dos Museus, para o desempenho de tarefas educativas e científicas, sendo o aumento de recursos destinados à pesquisa essencial nos próximos anos (GT 04)²⁰⁴

²⁰³ “Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa e exhibe, para fins de estudo, educação, lazer e comunicação, a evidência material do homem e do seu meio.”

²⁰⁴ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Subsídios para Implantação de uma Política Museológica Brasileira**. Recife, 1976. p. 7-8.

Compreende-se um investimento de sentidos extramuros para a instituição, viabilizado pela ampliação dos recursos de produção do conhecimento a partir dessa, enquanto ambiente de concentração de códigos científicos articulados em função do andamento social. Expectativa de uma Museologia que se quer contemporânea, como sinalizado anteriormente.

Ainda como um aproveitamento desse investimento sobre a ampliação conceitual do Museu, contextos de desenvolvimento e agentes impulsionadores:

Difícilmente se negaria, hoje, o conceito largamente difundido nos meios museológicos, inclusive em documentos oficiais, de que o Museu, instituição a serviço da sociedade, deve ser emanção dessa mesma sociedade. Entretanto, o confronto do princípio, no Brasil como em outros países, revela certo descompasso, nestes últimos dez anos, em todo o mundo, não só o museu enquanto instituição, como o próprio conceito de museu. (GT 07)

Fenômenos como a democratização da cultura, a cultura de massas e a comunicação de massas, a dessacralização da obra de arte (principalmente na era da sua reprodutividade e da ampliação mesma do conceito de criação e de obra artística), e a responsabilidade social da Ciência (acesso maior à prática da Ciência; maior peso da atividade científica no desenvolvimento da sociedade; a contestação de valores canonizados; a visão crítica do passado e de certos padrões justificados por tradições convencionais; a dilatação do conceito de educação, etc) provocaram situações diante das quais é preciso repensar o museu e seu papel dentro do meio (GT 07)

Neste mundo em gestação, o museu ainda tem profundas razões de ser, e não, obviamente, como resquício do passado ou organismo retrógrado e anacrônico. Para tanto, porém, é indispensável buscar a resposta a certas questões preliminares, muitas das quais poder ser resumidas em três grupos:

Que funções (novas) como instituição deve ter o museu a serviço da comunidade?

A quem serve o Museu?

Quais os principais problemas relativos à integração do museu com a comunidade? (GT 07)

O Museu tem a desempenhar graves responsabilidades na formação de uma consciência crítica, por parte da comunidade. (GT 05)

A pesquisa visa, inicialmente, mostrar certo, isto é, exibir o objeto com todo o seu potencial educativ-cultural-científico. É necessário que, dentro do contexto tecnológico em que vive o mundo atual, some-se ao aproveitamento científico e educativo, o sentido utilitário da Pesquisa, no intuito da melhoria das condições que se observam na comunidade e no País

Entre os que se dedicam às atividades de Museologia, surgirão elementos com potencialidades para a pesquisa. Dedicados ao seu próprio desenvolvimento científico e cultural, tornar-se-ão elementos capazes de desenvolver programas de pesquisas e independência, medidas principalmente pela criatividade, experiência, produção e maturidade científica (GT 04)²⁰⁵.

Proposições e questionamentos de relevante complexidade que antecedem a própria criação do ICOFOM e seu conjunto de reflexões em nível internacional, sugerindo a característica autônoma do pensamento brasileiro sobre o museu e sua implicação social, em torno da produção de planos de melhorias conscientes. Nesse contexto de complexidade, a visibilidade da produção do Departamento de Museologia do IJNPS confere maiores sentidos à ação museológica pela adequação regional e nacional desses debates.

Este ganho para a imagem da Museologia como domínio e para o museu como instituição dinâmica, podem ser justificados com o surgimento da *Exposição de Motivos para a implantação de um Sistema Nacional de Museus*, elaborada em 1977 pelo então diretor do MNH, Gerardo Câmara²⁰⁶, a convite do diretor-geral Manuel Diégues, baseada nas discussões produzidas pelo Encontro de Dirigentes de Museus realizado no Recife - o que justifica a presença de Aécio de Oliveira na comissão criada para contribuir com a formulação do Sistema.

Não por acaso, a proposta de um redesenho da cartografia da Museologia nacional apresentou polos iniciais de informação/formação representados pelas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre; redesenho necessário de um conjunto de representações que determinam, simultaneamente, os sentidos de força ativa e força reativa sob os quais a Museologia, enquanto domínio, poderia ser capaz de provocar. Apesar disso, a indefinição deste Sistema no cenário das conformações políticas que se desenvolveram ao longo das décadas seguintes associa-se ao que envolve, de modo geral, a representatividade pouco determinada da produção do Departamento de Museologia sobre a constituição dos perfis que incidiram, de forma pontual, no cotidiano das práticas dos museus e nos perfis dos profissionais locais. Esta incidência foi pouco comprovada também no contexto mais

²⁰⁵ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Subsídios para Implantação de uma Política Museológica Brasileira**. Recife, 1976. p. 7-8.

²⁰⁶ MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Exposição de motivos sobre a criação de um Sistema Nacional de Museus**. Autoria de Gerardo Câmara, 1977.

amplo das ações desenvolvidas pelos componentes do Departamento na Região Norte.

A diluição do Departamento de Museologia, na reestruturação promovida ao final da década de 1970, com a mudança da identidade de Instituto para Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), revela também os efeitos de uma incidência pouco relevante da importância desse conjunto de realizações do núcleo ao longo da década de 1970 - ao condensar todos os processos ditos *museológicos* na implantação e posterior manutenção do Museu do Homem do Nordeste, a partir de 1979²⁰⁷, no âmbito das comemorações dos trinta anos de criação do IJNPS. O Departamento de Museologia desenvolveu suas ações até 1985, quando deixou de existir na estrutura organizacional da Fundaj, passando o Museu do Homem do Nordeste a ser o núcleo irradiador das atividades museológicas da entidade. Isto constitui um descompasso com a vitalidade atribuída ao processo de institucionalização da Museologia no contexto do nacional, por meio do fortalecimento legal do perfil e das práticas profissionais que envolveram a representação do profissional museólogo e suas de atuação.

Permite-se uma atribuição simbólica à ação *museológica* desenvolvida no IJNPS, pela potencialidade da definição de um propósito central do Departamento de Museologia correspondente ao estímulo da formação de uma “consciência museológica brasileira”²⁰⁸. Mas esta consciência não se consolidou efetivamente, uma vez que as atribuições da Museologia no IJNPS não atravessaram a conformidade do enquadramento conceitual vigente no período, permanecendo no que aquele Stránský²⁰⁹ chamaria de domínio especializado e aplicado aos museus, o que precederia a caracterização de uma disciplina científica.

²⁰⁷ JUCÁ, J. **Joaquim Nabuco**: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Massangana, 1991. p. 145.

²⁰⁸ INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Atividades no campo da Museologia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Departamento de Museologia, 1977. p. 5.

²⁰⁹ STRÁNSKÝ, Z. Z. O objeto da museologia. Tradução de Katerina Kotiková. In: **Predmet museologie**. Ed. Sbornik materiálu prvého muzeologického sympozia. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 31.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enquadramento da pesquisa que resultou na presente Dissertação indica a localização do Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no horizonte de questões que dizem respeito à constituição dos espaços de desenvolvimento de um pensamento autônomo para a Museologia.

O volume de informações que compreende a existência do Departamento e sua importância para a Museologia brasileira diz respeito a uma vasta documentação, que, em função da viabilidade da pesquisa, foi considerada de modo menos abrangente, o que não descarta a possibilidade de tornar-se alvo de interesses futuros. No entanto, consideramos que este recorte foi capaz de extrair dois aspectos relevantes sobre a representação do domínio da Museologia no tempo presente.

O primeiro corresponde ao cuidadoso acompanhamento que se deve estabelecer em torno da linearidade dos efeitos políticos que revestem os acontecimentos, e as subsequentes conformações desse campo do saber. Consideração que busca a definição de imagens mais democráticas sobre o domínio, principalmente sobre autarquias como o Instituto Brasileiro de Museus – e por que não Instituto Brasileiro de Museus e da Museologia? -, intensificando o potencial dos trabalhos desenvolvidos pelo pensamento brasileiro em nível de pós-graduação.

O segundo compreendendo a redefinição da intencionalidade promovida pelo código dito museológico, inserido pela codificação maior do universo científico, buscando indicar, através da formulação não apenas de museus e medidas de conservação do Patrimônio, mas a produção de planos de melhorias providos de consciências mais ativas - condição que mobilizou a construção da abordagem assumida por esse estudo. Nesse sentido, compreende-se como basilar a consideração de um olhar investigativo a partir da Museologia, posicionado na contemporaneidade.

Assim, a interferência de estratégias que buscam instrumentalizar as categorias de representação associadas à Museologia, dentro e fora do contexto brasileiro, como cultura, patrimônio e museu, que em certa medida não são capazes de assegurar uma contrapartida capaz de promover transformações salutares no

processo de institucionalização desse campo, podem ser evidenciadas e requalificadas de modo mais dinâmico e em função da realidade na qual se debruçam.

A priorização de estratégias com este nível ou expectativa de influência parece comprometer-se com a consolidação de um paradigma científico ainda não atingido totalmente pela Museologia. Isto pode estar relacionado à inviabilidade de um sincronismo entre o momento gnosiológico, lógico e filosófico que constitui a possibilidade de uma base para a produção teórica como imaginava Stránský²¹⁰, mas que também pode se refletir na solidez de pressupostos éticos adequados à condução de análises mais coerentes com a natureza dos acontecimentos e sentidos que dão conta do fenômeno Museu, em suas mais variadas representações. A produção de diálogo entre e sobre os modos de percepção do mundo e a mobilização de perspectivas caracterizadas pelo contínuo exercício de crítica às fundações conceituais, ou seja, às escolhas matrizes, a partir dessa sincronia, localiza o distanciamento e a aproximação de um olhar estruturado a partir da Museologia, que se aproxima da contemporaneidade preservando aspectos éticos dos mais significativos.

Ao promover a possibilidade de uma leitura do domínio da Museologia nesses termos, o presente estudo sinaliza o dever de considerar a importância do conjunto de experiências cognitivas e sensoriais que fazem do Museu uma manifestação dinâmica, como uma ferramenta de suspensão e redesenho própria do universo contemporâneo. Neste sentido, até mesmo a determinações de condicionamentos mais aproximados de uma “sociologia do cotidiano”²¹¹ produzida por relações mais objetivas entre o museu e a pesquisa, as proposições que compreendem a Museologia através da relação entre o humano e o Real, apresentam uma potencial força produtiva e inclusiva, que permeia tanto a objetividade quanto a subjetividade das ações.

A necessária competência de articular símbolos de forma tal que o que se apresenta seja, antes de tudo, o resultado de escolhas mais conscientes, que compreendam desde a percepção da musealidade até a seleção de informações que constituem a comunicação museológica (expressa através do contexto expositivo em

²¹⁰ STRÁNSKÝ, Z. Z. O objeto da museologia. Tradução de Katerina Kotiková. In: Predmet museologie. Ed. **Sbornik materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30.

²¹¹ SCHEINER, T. C. M. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 133.

maior medida), sofrerá a influência de uma postura atenta à essência dos elementos articulados - sejam as relações políticas, os perfis sociais, os acontecimentos e os domínios de sentidos mais variados. A elaboração dessa articulação, portanto, converte-se em um processo de escolhas, mais atento ao que torna o fio da vida “sempre mais poderoso”, como qualifica Nietzsche²¹².

O impacto deste recorte em associação ao conjunto de questionamentos que envolvem a representação de domínios do saber, evidenciada por este estudo como a condição do olhar, sugere não somente a ampliação da cartografia das ações museológicas no país, respeitando a temporalidade dos acontecimentos e seus efeitos no tempo presente; mas também caracteriza as complexidades que fundamentam a própria tradução da Museologia para o tempo presente, como uma representação que ainda carece de investimentos intelectuais que assumam a lógica existencial do contemporâneo; e que desenvolvam as condições de possibilidade de posturas analíticas interessadas na manutenção de um movimento “centrífugo e subversivo”²¹³, que constitui a dinâmica da tarefa crítica.

De modo geral, o investimento crítico em torno da Museologia concebida em locais de excepcionalidade, como no caso de ações existentes no Nordeste brasileiro, onde a produção do conhecimento acontece dentro de conformidades que se constituem um produto dos poderes políticos, não invalida a manutenção de limitações ao desenvolvimento do domínio da Museologia em ambas as frentes. Desenvolver essas possibilidades conduz o conjunto de experiências cognitivas e sensoriais que fazem do Museu uma manifestação dinâmica, ao universo de suspensões e redesenhos característico do contemporâneo.

Neste universo, ainda que condicionadas a uma “sociologia do cotidiano”²¹⁴, proposições que compreendem a Museologia a partir da relação entre o humano e o Real, em sua complexidade, são capazes de desenvolver como força produtiva, que permeia tanto a objetividade quanto a subjetividade das iniciativas, a necessária competência de articular símbolos de forma tal que o que se apresenta seja, antes de

²¹² NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 339.

²¹³ *Ibid.*, p. 17.

²¹⁴ SCHEINER, T. C. M. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998. p. 133.

tudo, o resultado de escolhas mais conscientes. Escolhas atentas ao que torna o fio da vida “sempre mais poderoso”²¹⁵.

²¹⁵ NIETZSCHE, F. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011. p. 339.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, M. P. **A ordem do progresso**: cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes, 1976.

AQUILINA, J. D. **The Babelian Tale of museology and museography**: a history in words. International Scientific Electronic Journal, n. 6, 2011.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. Biblioteca Básica Brasileira. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

BATISTA, R. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistadora: Manoela Lima. Recife, 2016. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

BELLAIGUE, M. Memória, Espaço, Tempo, Poder. In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**. v.2, n.2, pp. 87-90, 2009.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOLETIM INTERNO [do] Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, n. 20, 1965.

_____. Recife, n. 29, 1967.

_____. Recife, n. 24, 1966.

_____. Recife, n. 28, 1966.

_____. Recife, n. 28, 1967.

_____. Recife, n. 86, 1972.

BOSI, A. As Letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano. São Paulo, Difel, 1977.

BOSI, A. Formações ideológicas na cultura brasileira. **Estudos Avançados**. 1995, v. 9, n. 25, p. 275-293.

CALABRE, L. O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, 2006, p. 81-98.

_____. **Políticas culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CANCLINI, N. G. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: CRIADO, Encarnación Aguilar. **Patrimonio Etnológico. Nuevas perspectivas de estudio**. Consejería de Cultura. Junta de Andalucía. 1999.

CANTARELLI, R. **Contra a conspiração da ignorância com a maldade**: A Inspetoria Estadual dos Monumentos Nacionais e o Museu Histórico e de Arte Antiga do Estado de Pernambuco. 2012. 184f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2012.

CAVALCANTI, L. **Moderno e Brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CERÁVOLO, S. M. **Da palavra ao termo**: um caminho para compreender a museologia. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

_____. O Museu do Estado da Bahia, entre ideias e realidades (1918 a 1959). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, jan./jun., v. 19, n. 1, p. 189-246.

_____. A Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais do estado da Bahia: do discurso à ação (1927-1938). In: Aline Montenegro Magalhães; Rafael Zamorano Bezerra. (Org.). 90 anos do Museu Histórico Nacional: em debate. 1ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, v. 1, p. 122-142.

CHUVA, M. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 34, p. 147-165, 2012.

COMTE-SPONVILLE, A. **O capitalismo é moral?**: sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. Anteprojeto para o Plano Nacional de Cultura. 1970. p. 1. Arquivo Nacional, Fundo Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura (U2), Notação 8461.

CRUZ, H. V.; CASTRO, E. Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado. ASSIS, M. E. A; SANTOS, T. V. (Org.) Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres Recife: Massangana, 2016.

CRUZ, H. V. Regulamentação da profissão de museólogo no Brasil um olhar a partir do Departamento de Museologia do IJNPS/Fundaj (1972-1985). Palestra apresentada no Seminário Profissionalização do Museólogo: 30 anos depois, Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE, em 9 de setembro de 2015.

DESVALLÉES, A. L'Identité. In: **ICOM STUDY SERIES**, Buenos Aires, n.10, 1986.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE F. Eds. **Concepts clés de muséologie**. Paris: ICOM/Armand Colin, 2010.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Org.). **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

FERNANDES, J. R. O. Muito antes do SPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937). In: **Seminário Internacional de Políticas Culturais**: teorias e práticas, 2010.

FONSECA, E. N. da. **Em torno de Gilberto Freyre** – ensaios e conferências. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **As Palavras e as Coisas**: uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes.

_____. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **História da Sexualidade II** - O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FONSECA, I. A. Arquitetura, Curso de Museus, Museu do Açúcar, em 12 de julho de 1967. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

FRESTON, P. **A carreira de Gilberto Freyre**. Série História das Ciências Sociais. n.3, São Paulo: IDESP, 1987.

_____. Um império na Província: o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. In: **História das Ciências Sociais no Brasil**. (Org.) Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Sumaré. 2001.

FREYRE, G. **Manifesto Regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

_____. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **30 anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Ed. Massangana: Recife, 1981.

GOB, A. & DROUGUET, N. **La muséologie**. Histoire, développements, enjeux actuels. Paris : Armand Colin, 2006.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1963, 1964. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1967, 1968. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Relatório da Assessoria Educacional do Museu do Açúcar Ano: 1970, em 29 de janeiro de 1971. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Relatório da Seção de Museologia do Museu do Açúcar Ano: 1964, 1965. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Relatório da Seção de Museologia do Museu do Açúcar Ano: 1968, 1969. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL. Resultado das pesquisas desenvolvidas no interior do estado pelo Museu do Açúcar, em 18 de novembro de 1960. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 237/Relatórios de Atividades Anuais.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Atividades no campo da Museologia. Relatório. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Departamento de Museologia, 1977. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museus. Departamento de Museologia, 1976. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museus. Departamento de Museologia, 1977. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Curso de Preparação e treinamento de Pessoal de Museus. Departamento de Museologia, 1978. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Ofício nº 627/59 do Diretor do Instituto Joaquim Nabuco ao Dr. Abelardo Rodrigues, em 29 de outubro de 1959. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Ofício nº 67/60 do Diretor do Instituto Joaquim Nabuco ao Prof. Dr. René Ribeiro, em 22 de fevereiro de 1960. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Construção do Museu. Ofício da Coordenadora do Museu de Antropologia, Ana Maria Rodrigues, ao Diretor Executivo do IJNPS, 21 de dezembro de 1966. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, Pasta 04/Museu de Antropologia.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. **Subsídios para a Implantação de uma política museológica brasileira.** Recife: IJNPS/MEC, 1976.

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Relatório Anual de Atividades de 1972. IJNPS, 1973. Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste.

JUCÁ, J. **Fundação Joaquim Nabuco:** uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Ed. Massangana: Recife, 1991.

JULIÃO, L. O SPHAN e a cultura museológica no Brasil. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.22, n.43, p.141-161, jan.-jun.2009.

KUHN, T. **Estrutura das Revoluções Científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

LIMA, M. H. G. **Gilberto Freyre.** Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 2010.

LOPES, M. M. **O Brasil descobre a pesquisa científica:** os museus e as ciências naturais no séc. XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

MAGALDI, M. B. Formação do Museólogo: Curso de Museologia da UNIRIO. In: **Workshop ICOFOM LAM (ICOM):** Pensamento Museológico Latinoamericano. Rio de Janeiro. Pensamento Museológico Latinoamericano, 2008.

MAIO, M. C. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o projeto UNESCO. **Tempo Social.** São Paulo USP: n 11, maio 1999. p. 111- 136.

MAIRESSE, F. O museu inclusivo e a museologia mundializada. **Termos e conceitos da Museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral.** ICOFOM LAM, Documentos de trabalho, p.35-52, 2012.

MAIRESSE, F.; DESVALLÉES, A. Brève histoire de la muséologie: des Inscriptions au Musée virtuel. In: MARIAUX, P. (Org.). **L'object de la muséologie.** Neuchâtel: Institut de l'art et de muséologie, 2005.

MARANHÃO, G. **A origem dos cilindros na moagem da cana**: investigação em Palermo. Rio de Janeiro:IAA, 1955.

MICELI, S. **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.

MIGUEL, N. M. D.; CORREIA, M. R. S. Os intelectuais no IPHAN e no IBGE na Era Vargas. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura ENECULT**. V, 2009, Salvador.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Ficha de Inscrição do Museu de Arte Popular preenchida pelo museólogo Antônio de Oliveira Rios para o Cadastro dos Museus do Brasil, Coordenação Nacional de Museus, MEC/DAC/IJNPS, em 16 de fevereiro de 1978. Pasta 286/Fichas Museológicas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Ofício nº 1987 do Diretor do DAC, Manuel Diégues Jr. ao Diretor Executivo do IJNPS, Fernando Freyre, em outubro de 1976. Arquivo Nacional, Fundo Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, (U2), Notação 8406.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J-L. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL Exposição de motivos sobre a criação de um Sistema Nacional de Museus. Autoria de Gerardo Câmara, 1977. Arquivo Nacional, Fundo Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, (U2), Notação 8508.

NASCIMENTO, L. M. D. A igreja e a avenida: embates na modernização urbana na cidade do Recife. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-16.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Crepúsculo do Ídolos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. **Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

OLIVEIRA, L. L. **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

PALLARES-BURKE, M. L. **Gilberto Freyre**: Social Theory in the tropics. Witney, RU: Peter Lang Oxford, 2008.

_____. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

PESSIS-PASTERNAK, G. **Do caos a inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1993.

PONTES, N. D. M. T. **Um “mix de mixórdias”**: ensaio antropológico sobre o discurso expositivo do Museu do Homem do Nordeste. 2012. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

PRIMO, J. S. **A Museologia e as Políticas Culturais Europeias**: O Caso Português. 2007. 404f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2007.

RAYMOND, P. **A História e as Ciências**. Porto: Rés, 1978.

RIBEIRO, H. de V. C. **Um Capítulo na História da Museologia no Brasil**: um olhar sobre o surgimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1922-1935). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2014. 116p.

ROLLAND, D. O historiador, o Estado e a fábrica de intelectuais. In: **Intelectuais e Estado**.

SÁ, I. C. de; SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Unirio, Escola de Museologia, 2007.

_____. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN a UNIRIO. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, v.39, 2007. Rio de Janeiro: 2007.

SÁ, I. C.; SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Unirio, Escola de Museologia, 2007.

SÁ, I. ECHTERNACHT, A. L. I. **Escola de Museologia**: leis, decretos, pareceres, resoluções, portarias, ofícios, estatutos, regimentos e outros. Década de 1960 (1961-1966). Rio de Janeiro: Escola de Museologia, 2010-11. Núcleo de Memória da Museologia.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHEINER, T. C. M. **Apolo e Dioniso no templo das musas – Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental**. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998.

_____. C. M. Museu, museologia e a 'relação específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.358-378, set./dez., 2013.

_____. The many faces of ICOFOM. In: **ICOM STUDY SERIES**, Paris, n. 8, 2000.

_____. Patrimônio Museologia e Sociedades em transformação: reflexões sobre o museu inclusivo. Conferência magistral. In: **O pensamento museológico contemporâneo**. II Seminário Investigação em Museologia dos países de língua portuguesa e espanhola. Buenos Aires: ICOFOM, 2011.

_____. Sociedade, cultura, patrimônio e museus num país chamado Brasil. **Apontamentos, Memória e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan. / jun. 1994.

SCHNEIDER, E. The way of museums: na exhibition at the Moravian Museum. **Museum**, nº 4, v. 29, 1977.

SCHWARCZ, L. M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos. **Mal-estar na Cultura**. Rio Grande do Sul, abr/nov, 2010. p. 11-12. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural>>. Acesso em: 05 de out. 2016.

_____. M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEPULVEDA, M. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, jun, 2004, vol. 19, no. 55, p. 53-72.

SILVA, E. **Matéria, ideia e forma**: uma definição de arquitetura. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1994.

SOARES, B. C. B.; DE CARVALHO, L. M.; CRUZ, H. V. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, A. M.;

BEZERRA, R. Z. (Org.). **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)**. 1ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 244-262.

SOARES, B. C. B. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 2, p. 55-71, 2012.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, K. F. B. O Rádio e as Práticas Educacionais em Recife na Década de Sessenta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, IX, 2007, Salvador. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0546-1.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. 2017.

STRÁNSKÝ, Z. Z. Basic paper. In: **Methodology of Museology and professional training**. (ICOFOM STUDY SERIES 1). London: ICOFOM, p. 126-132, 1983.

_____. Museologie: Deus ex machina. In: **Museology and Developing Countries – Help or Manipulation?** (ICOFOM STUDY SERIES 15). Hyderabad - Varnasi – New Delhi, 1988.

_____. O objeto da museologia. Tradução de Katerina Kotiková. In: **Predmet museologie**. Ed. Sbornik materiálu prvého muzeologického sympozia. Brno: Museu da Morávia, 1965.

_____. The Department of Museology, Faculty of Arts, Masaryk University of Brno, and the questions of defining a profile of the Museology Curriculum. In: **Symposium Museum, Space and Power**. (ICOFOM STUDY SERIES – ISS 22). Atenas: ICOM/ICOFOM, 1993.

TEATHER, J. L. Museum Studies: reflecting on reflective practice. In: **Museum Management and Curatorship**. UK: Taylor & Francis, n. 10, p. 403-417, 1991.

THIESSE, A-M. La création des identités nationales. Europe XVIII^e - XX^e siècle. Paris: Editions du Seuil, 1999.

_____. **La création des identités nationales**. Europe XVIII^e - XX^e siècle. Paris: Editions du Seuil, 1999.

VALENTE, V. Transcrição de depoimento de história oral, em 5 de agosto de 1988. Entrevistadora: Joselice Jucá. Fundação Joaquim Nabuco. Transcrição.

WILLIAMS, D. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930 – 1960. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 29, p. 141-186, Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/MHN, 1997.